

Oferta
-0. NOV. 1998



**VIDA
MUNDIAL**

ANO IV—N.º 189

28 DE DEZEMBRO DE 1944

PREÇO AVULSO ESC. 1\$50

«Todos os que podem, a favor dos que precisam...» Era uma vez uma menina que deu tudo à pobrezinha!

(Foto de Jorge Garcia)

(Ver página 9)

ILUSTRADA

SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES

Porque não se ergue o monumento a Fontes Pereira de Melo?

NAQUELE dia, 22 de Janeiro de 1888, em que fazia um ano que Fontes Pereira de Melo havia morrido, a Avenida da Liberdade encheu-se de curiosos, muitos senhores de chapéu alto, casacas e fardas, e «madames» de compridas saias de grandes rodas, tufadas sobre os quadris, e espalhados chapéus na cabeça. Ia proceder-se ao lançamento da primeira pedra para o projectado monumento ao grande estadista, feito por subscrição nacional a que presidia o conselheiro João de Andrade Corvo. Primeiramente, havia-se pensado no Largo de Camões, mas desistiu-se da ideia por ser muito acanhado o local. Optou-se, então, pelo túmulo fronteiro ao Parque Mayer, que já nesse tempo se afirmava seria uma nova entrada para o Jardim Botânico da Escola Politécnica. Eram duas horas da tarde quando ao recinto chegaram os sr.s Infantes D. Afonso e D. Augusto, o primeiro representando o rei D. Luis, já doente, e que nesse mesmo ano morreria. Ao redor da tribuna, a Comissão, o Ministério, deputações das Câmaras dos Pares e dos Deputados, vereadores e outras altas individualidades. Leu-se o Auto, no qual se dizia que aquêle monumento seria «o perpétuo padrão da justiça, do reconhecimento e da saúde dos seus compatriotas, pelas virtudes cívicas, singulares talentos e patrióticos serviços» do homenageado; assinaram-no em primeiro lugar as Altezas, depois o Ministério, os ministros de Estado honorários que ali se encontravam, os membros das deputações, a família de Fontes, os membros da Comissão e mais algumas personalidades destas que sempre aparecem para assinar autos. E o Auto, com todas estas assinaturas e mais um exemplar de cada uma das moedas em curso, foi metido num cofre, e este depositado na cova, sobre a qual se colocou uma pedra que foi simbolicamente cimentada pelo sr. Infante D. Afonso.

Depois abriu-se um concurso para a erecção do monumento, que se devia compor de uma estátua pedestre, em bronze, representando o notável estadista, e assente em mármore português. E dizia-se, nas condições do concurso, que o monumento, ou melhor, os seus autores, teriam em linha de conta a singular estatura moral e cívica de Fontes, a sua poderosa iniciativa e os seus extraordinários serviços na regeneração das forças económicas e políticas do País, a sua acrisolada e previdente dedicação à independência nacional e às instituições constitucionais, o seu espírito de tolerância e isenção política, e ainda «os seus persistentes esforços pelo progresso pacífico da nação, e a manutenção do crédito, do direito e do bom nome delas».

Não sei se foi por causa de todas estas exigências, ou pelo que foi, o que sei é que todas estas virtudes juntas e mais o perpétuo padrão da justiça, do reconhecimento e da saúde» ficaram sem monumento que se visse.

O que lá está hoje não é o monumento a Fontes Pereira de Melo, mas o Monumento aos Mortos da Grande Guerra.

E eu pergunto, por simples curiosidade:

Para onde foi o cofre com o Auto e as moedas?

E para onde foi, ou onde pára, o dinheiro da subscrição nacional?

Da justiça, do reconhecimento e da saúde já todos nós sabemos que não há notícias. Mas talvez não fosse mau, ao menos, para a História, que alguém nos dissesse onde param o cofre, as moedas e a subscrição...

JOÃO PAULO FREIRE

SOCORRO DE INVERNO

A frase não vale só pelo sentido da realidade que a ditou. Vale, também, pelo sentido real que a escutou. Todo o país — todos os que podem — ouviu o apêlo do sr. ministro do Interior, do sr. sub-secretário da Assistência, do sr. Governador Civil, da Imprensa, para acorrer com a sua colaboração, dar um pouco do que sobra ou do que não faz imensa falta, a favor dos que precisam. Pode dizer-se que nunca, como este ano, o movimento de solidariedade foi tão solicitado, prêgado e escutado.

O socorro do Natal — como se, só no Natal houvesse pobreza, e o sentimento «snob» de dar se pudesse localizar — passou a ser o Socorro de Inverno. E, ainda, porque a realidade continuou a fazer pressão nas consciências — já se anunciou, pela boca do sr. ministro do Interior, que o Socorro de Inverno abrangerá todas as estações.

Bem haja, pois, o sr. ministro Botelho Moniz por querer acabar com preconceitos simbólicos e atacar de frente o problema da pobreza em Portugal.

Todos os que podem a favor de todos os que precisam — enquanto houver gente com frio e estômagos vazios!

O Livro do Momento
A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA
por RAFAEL MARÇAL
À venda em todas as livrarias
Uma magnífica edição de VIDA MUNDIAL



NUMA destas manhãs de sol frouxo, Ramada Curto descia o Chiado, cigarro entalado nos dedos, sorridente e bem disposto — talvez com a chilreada dos pássaros, seus dilectos vizinhos all do Camões.

A essa hora, decerto, já as pombas, na larga varanda de sua casa, teriam almoçado com a abundância que o racionamento, para homens e animais, proporciona. Mas encontrar Ramada Curto não é fácil. Sabe-se que ele está em toda a parte: no tribunal, no escritório, em casa, na «Brasileira», no teatro — mas, quando é preciso falar-lhe, «acaba de sair mesmo agora». Ora isto é um tormento, sobretudo para o repórter, que tem de escrever debaixo duma exigência que não admite desculpas:

— Procure o dr. Ramada Curto e faça uma entrevista!

E a viagem começa. Ruas e calçadas, escadarias e gabinetes, portas envidraçadas onde o papel selado amarelece, e do advogado, do dramaturgo, do escritor, do jornalista, do político, do orador apenas esta vaga certeza: «safu agora!».

A ENTREVISTA DA SEMANA

“Onde cantam canários, não há lugar para pardais”

diz o Dr. Ramada Curto que não quer falar de teatro...

Para onde? Lisboa é uma cidade grande — que limita a sua vida nas três polegadas do Chiado.

E aí que se pensa, bebendo café; que se discute, fumando cigarros. Nos outros lados trabalha-se — e nada mais importuno do que interromper quem trabalha.

Foi por isso que, numa rápida ofensiva — perdõem a influência do termo, mas estamos em clima de guerra — bloqueámos o autor consagrado do «Sol Poente»... para lhe perguntarmos:

— Diga-nos qualquer coisa sobre...

De mão no ar, surpreendido, Ramada nem nos deixou acabar.

— Estou em jejum! As minhas primeiras palavras vão ser para o criado do café! Depois...

— ...depois senhor doutor...

— Não direi nada!

— Então o café tira-lhe a eloquência?

— Aumenta-me o nervoso! Mas que quer saber?

— Teatro, por exemplo! Peças novas tem algumas?

— Não senhor! Agora o caso não é comigo. Como toda a gente vê, foi agora que o teatro atingiu, depois dum período largo de estagnação, pode dizer-se que um cume.

E quanto mais o tempo passa tanto mais no cume explende a luz do novo teatro.

E, acendendo novo cigarro:

— Peças novas, autores estrangeiros dos melhores!

— Nesse caso — volvemos — o senhor doutor acha...

E sem nos deixar acabar a frase:

— Acho que onde cantam canários não há lugar para pardais...

E, numa confidência:

— Tenho peças... Mas não me «astrevo» a apresentá-las — como diz uma criada que eu tenho... Esperemos outras oportunidades.

Ramada Curto chamou o engraxador.

Depois do café — a graxa.

— Eu, há longos anos, tive muitos engraxadores! Hoje tenho este, a quem pago e que, honestamente, nunca me pediu nada — a não ser os dez tostões do seu trabalho.

E não houve forma de lhe arrancar, durante os escassos minutos em que os sapatos ficaram lustrosos, qualquer palavra sobre teatro. No apêto de mão, Ramada ainda nos diz:

— Olhe: vai ser posta à venda a 2.ª edição do «Diário de José Maria» e o «Branco no Preto» — aparecerá, também, nas montanhas das livrarias!

NOTAS RAPIDAS



O sr. engenheiro António Martins Galvão efectuou, há dias, na Casa do Alentejo, uma conferência a que deu o título «Novos caminhos no após-guerra», tendo assistido representantes do Governo e muitas outras altas individualidades.



O Circulo Gomes de Sá teve como convidado de honra, num dos seus últimos almoços, o sr. embaixador dr. Neves da Fontoura que, no final, proferiu um assinalável discurso. O almoço efectuou-se no restaurante «Chave de Ouro».



O sr. Presidente da República inaugurou, há dias, no estúdio do Secretariado Nacional de Informação, uma magnífica exposição do sr. José Vanzeller Pereira Palha. Os motivos escolhidos pelo ilustre artista dão-nos uma nova Sevilha e uma Granada cheias de cor e de arte que o público tem acorrido a elogiar.



Com a presença do sr. Presidente da República inaugurou-se, recentemente, a Casa do Distrito do Porto, magnificamente instalada na Praça Marquês de Pombal. O sr. ministro do Interior e Sub-Secretário do Comércio estiveram também presentes na sessão, que se revestiu de grande brilhantismo.

(Escultura de Machado de Castro — Foto de João Martins)



Episódio num bêco...

DONA Brigida mora ao meu lado, numa porta que, além do higiénico capacho tem o clássico cordão de puxar a campainha. É magra, ossuda, ligeiramente fanhosa e apresenta, na testa, umas manchas sangüíneas que todos os anos, no Verão, a empurram, devotamente, para Caldelas. Nunca chegou a casar — embora, por duas vezes, com alvoroço, tivesse preparado o enxoval — e, agora, já perto dos cinquenta, descre totalmente do amor — «esse cardo venenoso que dilacera as almas». Vive só nas amplas doze divisões, tem telefonia e um cãozito, o «Joli», irrequieto e travesso, que esteve — coltado! — à beira da morte com um osso atravessado na garganta. Quem lhe faz «s recados» é a Manecas, garota estouvada, filha do Xico da Estiva, um desgraçado que se aposentou voluntariamente do guindaste para fazer activo serviço na busca de três, na bática do Russo. Dona Brigida é a pessoa mais respeitável dos meus sítios, e só o sr. Carlos da Boa-Hora — é logo abaixo de oficial de diligências a sua elevada categoria — lhe empana o brilho da consideração quando diz, alarmando a pacatez do bêco: «Vou depressa, que tenho um julgamento à minha espera». Então, o Zé Sapateiro, a Mónica varina, sempre suja e desgrenhada, o Justino pintor e o Quim ficam, de boca aberta, curvados, à passagem do sr. Carlos, que vai, todo lustroso nas botas, pôr a tinta no tinteiro do juiz — com a pasta atulhada do lanche magro, que eles supõem volumosos processos de sentenças de degrêo. Em surdina, baixinho, a tia Joana dos tremoços, que à saída do bêco vende, com o cabez, magãs cozidas, pede, como numa prece, os olhos unidos dum condóido pranto que não pode reter: «Senhor Carlos! Tenha dó, não mande êsses desgraçadinhos para as Áfricas!».

E o sr. Carlos, fazendo paizela com as bochechas balofas, diz de alto para que o bêco inteiro fique sabendo:

— Saberei dar à lei a interpretação humana que, sin-loc», os criminosos mer scem!

Ora o sr. Carlos é solteiro. Mora num qua. to alugado em casa do Pinto Bucha, aposentado do Arsenal.

Homem calmo, muito limpo, nunca ninguém o viu — honra lhe seja feita entrar numa taberna ou ter o mau vício de queimar dinheiro em cigarros. Metódico, ordenado, pagando pontualmente a renda do quarto ao dia 1, a única extravagância com que, lastimosamente, não pode romper é a de comprar o jornal, a meias, com o dono da casa.

Cuidadoso, engraxa os sapatos e barbeta, embora com sacrifício, dia sim, dia não, a cara redonda, mal semeada de pêlos; usa sempre camisa branca — e nunca ninguém o topou, nem mesmo aos domingos, sem a pasta preta muito volumosa. Nas férias e nos dias santos o sr. Carlos trabalha em casa. Se está calor senta-se numa cadeira à entrada da porta, e lê o Almanaque Bertrand. Nisso é uma pessoa divertida. Sabe anedotas, adivinhas e conta, com raros conhecimentos, os factos notáveis da história pátria. Ora, há uns dias para cá, tornou-se notado que mal o sr. Carlos saía, a D. Brigida, toda dengosa, já aperaltada, vinha à janela a desfazer-se em acenos.

A Mónica varina rosnou mesmo, na loja do sapateiro, que havia breve casamento. E ninguém, no bêco, deixou de aplaudir tão justa união. D. Brigida tinha qualquer coisa de seu — o sr. Carlos, em contrapartida, além da bonita posição, não possuía «cheta». Ora os que têm, nestas coisas de casamentos — agora que a vida está tão má — devem procurar amparar os que a sorte não bafejou. A sociedade, mesmo, devia regular o casamento, afastando sempre duas fortunas que se aproximam... Não devia ser permitido. Que vantagem há em ligar duas riquezas? Juridicamente, há uma fraude; o Estado é lesado, porque os impostos deixam de incidir em dois contribuintes para serem colhidos dum casal.

Por conseguinte, é de toda a justiça e caridade que a D. Brigida, minha vizinha, rica e solteirona, reparta as ternuras do coração — e as cadernetas, cupons e libras, com o sr. Carlos, que nada tem — além das boas acções...

E que deliciosa Primavera não há-de ele passar, socorrido em Dezembro com o calor das libras...

MANUEL MARTINHO

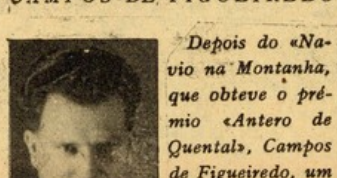
AS FIGURAS DA SEMANA

DR. JOSE GRESPO



A crítica portuguesa havia já assido o nome do sr. José Crespo através dos seus trabalhos literários e, nomeadamente, a propósito de um estudo valioso sobre a doença e morte da rainha D. Isabel, esposa de D. Diniz. Agora, de novo surge o nome do distinto médico, sócio do Instituto de Coimbra e da Sociedade de Geografia que apresentou, recentemente, no Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, reunido em Córdoba, três teses de real merecimento: «Um médico português na corte de Filipe II», «A prevenção do aborto criminoso» e «Eutansia» — trabalhos que valeram ao seu autor os maiores elogios.

CAMPOS DE FIGUEIREDO



Depois do «Navio na Montanha», que obteve o prémio «Antero de Quental», Campos de Figueiredo, um dos bons poetas que descem, de vez em quando, do Mondego até nós, envia-nos uma nova colectânea de poesias a que deu o nome de «Poemas da Inocência». Há em toda a obra de Campos de Figueiredo uma delicada emoção e um fino conteúdo poético que neste livro se mantêm, a par de uma interessante filosofia que o próprio título justifica.

HOMENS QUE ESCREVEM PARA AS CRIANÇAS

TUDO evolue na vida. Ontem, ao serão, adormecia-se a criança cantando-lhe, baixinho, mirabolantes histórias, arquitectadas no fogo da fantasia. As famílias burguesas, principalmente, tinham horror à rua, «esse catre de vícios» onde a criança se corrompe, num contágio pernicioso do «calão» e das más atitudes. E todo o esforço dos papás convergia, essencialmente, para tolher os filhos em casa, debaixo das salas protectoras da família, com medo que elas medrassem ao sol e ao ruído da rua. Inventavam-se pretextos: as perigosas velocidades dos automóveis, o sol abrasador que traz febres, as chuvadas desastradas que constimam. E a criança, debaixo debrupada da varanda, mirrada, de chapéu largo de palha na cabeça, à sombra dum tóldo, aborrecia-se imenso, soprando pela caninha os balões multicolores que a ligeira aragem quebrava, como uma dourada quimera que se perde no espaço. Outras vezes os brinquedos — soldaditos de chumbo alinhados, espadas, ursos — entretinham a criança horas consecutivas até o sono e o aborrecimento pesarem nas pálpebras.

«A rua fêz-se para os rapazes» — diziam muitos papás, censurando os filhos, meninos animados que só iam para a escola levados pela mão das velhas criadas, esfinges da segurança clássica. E, no entanto, quantas vezes, à janela, vendo passar os eléctricos apinhados de gente, sentindo o estuante calor das turbas, esses meninos não seriam felizes se fôsem como os Quins, os Zecas, os Tóinos que eles viam na rua, descalços, chapinhando nas águas das valetas...

É que a varanda gradeada, por onde o sol entrava de esguelha, tinha a negra tristeza duma prisão — e aqueles varões eram as apertadas fronteiras dum mundo que sufoca...

A criança só é feliz quando é livre. Tanto assim que ela, por instinto, ama a libertação — e ri, canta, bate palmas quando só, absolutamente liberta, corre por prados e jardins atrás duma borboleta — símbolo duma liberdade intangível.

Nenhum brinquedo, no mundo, brilha e encanta como o sol. A moderna pedagogia tem provado que não se ensina uma criança mostrando-lhe a palmatória — mas acenando-lhe com um brinquedo. A recompensa estimula — o castigo amedronta.

Ora, vem isto a propósito da literatura infantil — e dos jornais para «miúdos». Há um mundo novo na mente das crianças. Evidentemente que eles já não acreditam nos ani-

mais, conversando como sábios, à sombra de densas florestas; nem em castelos subterrâneos, recobertos de ouro, que abrem as portas douradas, com a varinha de condão batida na rocha; nem em gigantes que metem homens no buxo como se metessem bolos de arroz. Não; tudo tem um limite, e a mentira, a magia, neste capítulo acabou.

O que ontem era fácil contar à miúdamem tornou-se, hoje, para os escritores de miúdos, um problema. Sobretudo, é mais difícil escrever para a criança do que até para certos homens, que só são capazes de rir até estoiar o cós das calças com as piadas catitas das platelas do Parque Mayer e das negocletas editoriais de grosseiro humorismo. A criança lê, pausadamente, com deleite — e, como é curiosa, procura dar satisfação ao seu espírito, indagando, com os ligeiros conhecimentos, até que ponto aquilo pode ser assim.

Queremos referir-nos aqui a um miúdito ladino e esperto, que, certa vez, tendo lido uma história infantil dum naufrágio em que o protagonista, para escapar à bocarra da baleia, se meteu numa gruta dez braças abaixo do nível das águas, perguntou, muito sério, com o seu dedito espetado, dedito de oito anos, entenda-se:

— Só se levasse escafandro, não é verdade?

Qualquer de nós que lesse a história nem nos ocorreria, naquela fenomenal meada fantasista, de indagar uma coisa dessas. A criança, não. Quere saber a razão das coisas. Não acredita em árvores que dêem maçãs de ouro, nem águias que levem meninos no bico — e nem sequer em fantasmas de lençóis pela cabeça, coisa aliás a que muitos grandes dão crédito e fazem benzeduras, por via disso. Eis, senhores, porque hoje se presta homenagem a esses escritores que melhor têm labutado pela educação das crianças. O sentido humano dos seus escritos, a sombra de fantasia que dão às suas verdades educam as gerações — que são os homens de amanhã. Faltam, aqui, é bem verdade, alguns nomes, desde Olavo de Azevedo a Eitelvina Lopes de Almeida — passando por Santa Rita, Graciete, Laura Chaves, etc., e outros nomes que o correr da pena não nos traz de pronto, mas pretendeu-se, unicamente, mostrar ao público quem são os artistas que hoje orientam os jornais infantis. Nas legendas está a explicação — e os seus nomes. E os grandes que também lêem os jornais infantis gostarão de conhecê-los — porque, decerto, apreciam os primeiros dos seus espíritos.

M. M.



Adolfo Simões Müller. A petizada adora o Poeta, escritor infatigável que está sempre em todo o lado, corre da Emissora Nacional para o «Diabrete» — e, pelo microfone, pelo livro, pela conta, em verso e em prosa, leva sempre braçadas de alegria a esse reino brejeiro dos miúdos.



Este é o Cardoso Lopes, do popular «Mosquitos». Não há ninguém que não o leia. Trabalha sempre. Acorda e adormece com os risinhos das crianças nos ouvidos. Os miúdos fazem-lhe cabelos brancos — mas o «Mosquitos» aqui para nós, já-lodá, dentro em breve, milionário... só para que apareça um conto muito engraçado: «O tesouro de Carlota Lopes»...



Conhecem o Meço? É aquele prodigioso desenhador das capas do «Papagaio». Os seus «pinóquios» são o êxito das crianças. Meço criou um mundo de graça, de ternura, com as expressões dos seus bonecos. Por detrás dele, no foto, está outro artista: Baltazar, um caricaturista de largo futuro.



O «Pim-pam-pum!» Quem o não tem sempre presente? É Luís Ferreira, o popular «Pia Luísa», que a miúdamem adora, o seu campeão do Suplemento infantil de «O Século», e lido por toda a gente. Luís Ferreira, que ainda não tem netos, é o avô honorário de toda a petizada.



José Lemos é um artista que pensa, escreve e ilustra. A sua página para crianças é sempre diferente, é sempre curiosa. Os seus bonecos, tão expressivos e cheios de movimento, encantam-nos só os miúdos como os grandes, que vivem naquele mundo a mentirice distante...

OS LIVROS DO MOMENTO

OS CONTOS DE ANTONIO BOTTO



LIVRARIA BERTRAND

OS CONTOS DE ANTONIO BOTTO, em nova edição aumentada e definitiva e que constituem o segundo volume das obras deste extraordinário poeta e artista, é uma obra notável editada pela Livraria BERTRAND.

BESSONE BELFORD

DEIXEMME VIVER!... Romanet

VERA MORAIS EDITORA

«DEIXEM-ME VIVER!... O Drama da Nova Geração, um romance de Bessone Belford que a nova geração deve ler! A venda em todas as Livrarias. Pedidos directos: Vida MUNDIAL EDITORA, L.ª D



O 3.º livro da Biblioteca Prática do Lar, o melhor e mais moderno livro de cozinha que todas as donas de casa devem possuir. Lindo volume de 338 páginas, 15\$00.

FALA-SE ESTA SEMANA

D. ALICE DE OLIVEIRA



Depois do êxito de «História Maravilhosa da Rainha Astrid», a sr.ª D. Alice de Oliveira, que é belga por nascimento, deu-nos, agora, «Vida amorosa de Sôror Mariana» — a celebrada Mariana Alcoforado, freira de Beja e amorosa de Chamilly. A alguns outros a figura torturada e literária pela sublimação do seu amor em cartas célebres, havia já tentado para estudo. A êsses é preciso acrescentar agora o nome de Alice de Oliveira, que nos conta delicadamente a história da mulher e os seus amores, defendendo a certeza de que a autora das cartas a Chamilly é portuguesa.

COMANDANTE ALVARO MORNA



A sua longa permanência em Africa, o estudo directo dos seus multiplos problemas, como Governador Geral de Angola, fizeram do sr. comandante Alvaro Morna um conhecedor profundo das realidades que andam ligadas ao nosso império ultramarino, nomeadamente a quanto se refere às terras angolanas. Daí, revestir-se de uma auto-

ridade, de um interesse particular, o livro que o sr. comandante Alvaro Morna acaba de publicar — «Angola» — e que é um grosso volume, logo seguido de outros e em que deve ser salientado, ao lado do valor informativo interpretativo, um belo espirito de análise e uma elegante forma da dizer.

JOAQUIM PAÇO DE ARCOS



«Caminho da culpa» — eis o título do último romance de Joaquim Paço de Arcos, o romancista mais festejado pela critica e pelo mundo

elegante. Chegad isto para significar que cada novo livro do autor das «Viagens de Pedro Manuel» e um êxito literário e de livraria? «O caminho da culpa» não vai, sem dúvida, fugir ao destino dos seus irmãos de génio. Joaquim Paço de Arcos sabe muito bem dissecar as almas — principalmente as almas que vivem num certo nível social e que tantas vezes se distanciam do resto da humanidade — para nos dar belos pedaços de vida, sobrecarregados de todos os problemas que a afligem. No «Caminho da culpa» há todos êsses elementos. Quem duvidar do êxito do seu jôgo, dominado pelo génio do seu jovem autor?

FAÇA DE PAPEL

* Com um prefácio do Prof. Dr. Marques Guedes, publicou o sr. engenheiro Manuel Pires de Matos «Evolução ou Evolução Económica?». Trata-se de um estudo sério e desassombado dos nossos problemas coloniais, pois foram colhidos nas próprias provincias ultramarinas os elementos em que assentam muitas directrizes que se aconselham neste livro, para solução de muitos desses mesmos problemas abordados. (Edição da Editora Maritimo-Colonial — Lisboa).

* «Inquérito ao Livro em Portugal» — assim se intitula o primeiro volume de um largo estudo de Irene Lisboa, feito através das páginas da «Seara Nova». Está aqui, neste primeiro volume — «Editores e Livreiros» — excelentes depoimentos que muito contribuirão para um estudo sério e amplo das actividades editoriais portuguesas. Irene Lisboa, pedagoga e romancista, surge aqui repórter fiel e inteligente numa expressão literária que nos apraz registar, com o desejo de vermos continuado o seu inquérito, nos próximos volumes: «A arte do livro», «Autores e criticos», «O leitor». (Edição da «Seara Nova» — Lisboa).

* Afonso Ribetro, que já nos deu alguns livros de novelas e dois romances, publicou «Trampolito», um novo romance de acentuadas linhas ultra-realistas — o surrealismo dos franceses e que parece gozar tanto dos favores das gerações modernas. É um livro forte, bem delineado, a que o nosso critico fará a devida referência, pois, aqui, pretendemos apenas registar o seu aparecimento. (Edição da Livraria Progredior — Porto).

* O sr. Edward T. Prasson, um nome largamente conhecido nos meios internacionais do comércio, publicou «Um mundo melhor, baseado numa paz estável». É um pequeno comentário às várias fases desta guerra e uma prece bem sincera para que o mundo saia desta terrível hecatombe mais decidido a cooperar a favor do bem comum. (Edição do autor).

* Manuel do Nascimento publicou mais um romance — que é o segundo — e que foi largamente assinalado pela critica. Intitula-se «Minciros», mas, ao contrário do que o nome indica, não se assiste nele ao drama dos homens que vivem de baixo da terra — mas à margem dela. Aqui, não cabem referencias criticas. Ainda assim, preguntaremos: será este, dos dois, o melhor romance de Manuel do Nascimento?

AUTORAS DE HOJE



Gomes Monteiro, o autor de muitos livros de êxito, publicou «Vencidos da Vida», uma bela obra literária e extremamente documentada, destinada a novo êxito.



Metzener Leone é um dos nossos escritores mais produtivos. Depois do êxito de «Uma mulher e suas metzener», Leone deu-nos agora «Quarto alugado».



Mais um livro de Abreu e Sousa. Chama-se «Boas Maneiras» e, como todos os outros, marca o espirito do autor — a graça de Abreu e Sousa.

Quem achou?

António Maria Pereira anda à procura de um verso que Junqueiro perdeu na «Morte de D. João»...

O caso dava para para mangas. Mas o espaço falta e fica por aqui: em 1806 e tal fez-se a primeira edição da «Morte de D. João», de Junqueiro. Mas ninguém deu conta, entretanto, de que a páginas tantas, no meio de tantas linhas compactas, faltava um verso que rimasse com êste:

All governa só o Deus Fatalidade.

Ora, como se sabe, a rima, neste poema, é emparelhada. Mas há, nestes versos tanta música, que a falta de um não se nota facilmente. Pelo menos, até 1935, ninguém publicamente veio afirmar que na «Morte de D. João» um verso ficava sem rima...

Mas é melhor passarmos a palavra a António Maria Pereira, o conhecido chefe e proprietário da Parceria que traz o seu nome:

— Em 1935 preparava eu a 12.ª edição da «Morte de D. João», quando o sr. coronel Henrique Ferreira de Lima me entrou a pedir e informou: «Mas, então, o meu amigo não sabe que falta um verso no «D. João»? Folhei e dei conta, realmente, que faltava um verso. Então, o coronel Ferreira de Lima disse-me: «O conselheiro Júlio de Vilhena, que foi amigo de Junqueiro e possui muitos documentos junqueiranos, tem esse verso, que lhe foi dado pelo autor»... E o verso, que tem realmente sabor junqueirano, foi introduzido na edição de 1935, porque se fazia fé na informação do sr. conselheiro Vilhena.

— E esse verso qual é? António Maria Pereira abre a edição de 1935 e aponta, ao alto da página:

«Herda-se o mesmo crime e a mesma [enfermidade].»

A parêntese fica assim, portanto:

All governa só o Deus Fatalidade Herda-se o mesmo crime e a mesma [enfermidade].»

Pedimos outra vez a palavra a António Pereira:

— Como se explicita a falta do verso, com o conhecimento do autor?

— Os autores... são os piores revisores. Naturalmente, nestes catálogos de versos e de rimas, essa falta não feriu o ouvido de Junqueiro. E é muito natural que uma linha de composição se perdesse na tipografia. O verso, de resto, não faz falta ao «sentido», mas apenas à rima. Ora, a segunda edição fez-se sobre a primeira; a terceira sobre a segunda — e assim se reiniciou no êro, até 1935.

— Mas Junqueiro podia ter feito a emenda na segunda edição...

— Esse é o ponto obscuro da questão...

— Enfim, visto que apareceu o verso...

— A edição de 1935 está esgotada. Naturalmente, ela passou pelas mãos da filha do poeta, a extremosa defensora da memória de Junqueiro, sr.ª D. Maria Isabel, netinha de Carvalho. Mas, desta vez, o verso a mais, também não foi notado. Há dias, porém, passando por aqui aquela ilustre senhora, falei-lhe do caso. E, com espanto, vi que no seu espirito se formavam dúvidas e compreensões escriptas. Seria aquele verso de Junqueiro? O sr. conselheiro Júlio de Vilhena morreu, seus filhos não encontram, entre os seus papéis, qualquer apontamento a respeito do caso...

— E agora?

— Ando à procura do verso... Tenho consultado muitos «junqueiristas» mas o original desapareceu e ninguém me sabe falar do caso. Entretanto, de uma coisa estou certo: o conselheiro Vilhena era pessoa honestíssima e culta. Se disse que aquele verso era de Junqueiro, é porque o era...

— Mas prová-lo?

— Isso compete-me a mim, para mal dos meus pedacos, se quiser pôr à venda a nova edição já pronta e embarcada há meses...

Nenhum dos nossos editores, Maria Pereira a procurar o verso de Junqueiro?

Previsões...



JANEIRO — A 6 terminarão nas escolas as férias do Natal; a 14 chegará; teremos a lua cheia a 28; e no dia 31 todos os escritórios e repartições fecharão as portas ao público que, se lá quiser ir, dará com o nariz nas portas.



FEVEREIRO — Haverá três dias de grande contentamento. Muitos vão de pretender ser aquilo que não são; enquanto uns porão máscara, outros a deixarão cair; e, por fim, após estes três dias repletos, continuar-se-á no jejum racionado pela buia das circunstâncias.



MARÇO — Há-de haver um dia que terá o mesmo tamanho da noite e, após êle, os campos principiarão a cobrir-se de flores, os ninhos a chilrear, e as mulheres a pedir aos maridos dinheiro para a mudança de estação. A 31 enforcar-se-á um homem, e realizar-se-ão os funerais do último bacalbau para os Jerónimos... Martins e Filhos.



ABRIL — Realizar-se-á a primeira tourada pública do ano, e continuarão as touradas domésticas. O tempo estará instável e começará a correr o boato de que a guerra acabará no outono. As próprias horas estarão racionadas e ninguém poderá fazer horas. Determinar-se-á que se durma só com um olho — por economia.



MAIO — No dia 1 todos se dedicarão a celebrar a Festa do Trabalho pela única maneira alegre de a celebrar — não fazendo nada. Entre 18 e 20 teremos grandes trovoadas.



(Caricatura de Santana)

O Dr. Correia Ribeiro dá consulta...

Doutor Correia Ribeiro, Um que é médico e que cura, Cura por pouco dinheiro Com mesinhas de ternura.

Depois ausculta, ansioso, Medita, pensa e receita: — «Nunca seja ambicioso, «Ambição é má maleita...»

Entra o doente. — «Que tem?» Logo pergunta o doutor. — «Sei que não tenho vintém...» — «É doença, e da pior!»

«Se comer coma de graça, «Ande a pé; rejuvenesce! «E verá que chega a «massa», «Chega a «massa» — e tnda cresce...»

— «Doutor Correia Ribeiro, Quanto lhe devo?» — «Factura! «Se eu lhe levasse dinheiro, «Matava-o logo... da cura...»



JUNHO — Principiam oficialmente a abrir as termas e as praias. A 13 iniciar-se-ão grandes festas populares. A 25 teremos um eclipse parcial da lua, mas os bilhetes para assistir ao espectáculo devem atingir preços fabulosos.



JULHO — Acaba o «foot-ball». Um grande manto de tristeza envolverá os amadores da especialidade. A 9 haverá um extraordinário acontecimento no céu, que não revelaremos, nesta ocasião, para lhe não tirarmos o imprevisito. A 25 uma onda de calor permitirá que se cozinhe dentro de casa — sem acender os fogões. Os que escaparem de morrer assados — morrem fritos.

...para 1945



AGOSTO — Continua o calor. Todos os capitalistas abandonarão a capital. A 24 haverá uma espécie de fim do mundo e o Diabo, positivamente à sôla, fará andar tudo numa roda viva. O calor sobe como tudo.



SETEMBRO — Começará o outono. Acabará as férias judiciais. Nos dois últimos dias do mês ninguém se entenderá nas estações de caminho de ferro...



OUTUBRO — A 5 festejar-se-á um grande acontecimento. A 8, coincidindo com o apogeu lunar, um negro vê de luto cairá sobre algumas almas: são as férias escolares que terminam. A 25, Afonso Henriques entrará em Lisboa, acompanhado pelos amigos da Cidade, e tomá-la-á aos mouros — quer dizer aos que não são de Lisboa. Far-se-á a paz, e tudo ficará como dantes.



NOVEMBRO — Teremos muita chuva. E principiará a correr o boato de que a guerra termina na primavera de 1946... A 11 celebrar-se-á o São Martinho, festa tamanha com pouco vinho e muita castanha...



DEZEMBRO — Haverá um dia de feriado e descanso obrigatório. Começará o inverno, quer queiram, quer não. Os dias tornar-se-ão tão pequenos que não se vêem. A 25 todas as famílias se reunirão para recordarem o tempo em que ceavam... A 31 partida do Ano-velho para o «Diabo que o leve»...

Filippo III, "o equilibrista"

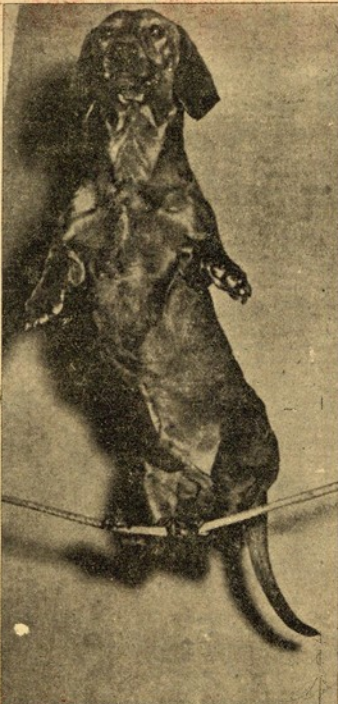
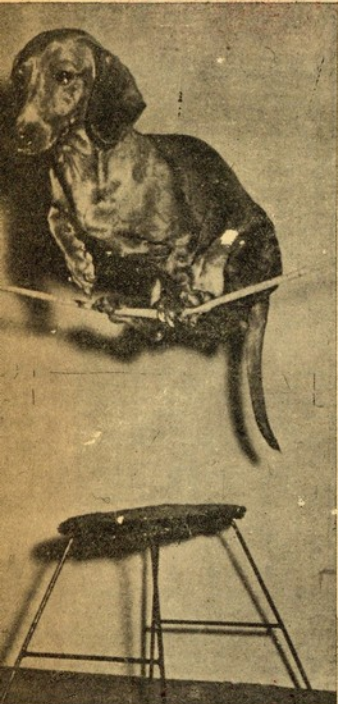
HAMA-SE Filippo III, descendente de uma família distinta de quadrúpedes sábios ou, pelo menos, quasi sábios. É cão de circo — um cão extraordinário que consegue esta proeza difícil de fazer equilíbrios numa corda bamba.

Reparem na graça, na elegância com que ele executa o seu número todas as noites delirantemente aplaudido. Desde que aprendeu a equilibrar-se na corda, Filippo III, como seu pai, Filippo II, e seu avô Filippo I, jamais calu.



Filippo tem o seu método e a sua técnica infalíveis. Põe-se em pé sobre as patas trazeiras, «um pequeno equilíbrio tem importância», enquanto o público se conserva atento ao número.

Poisar as patas dianteiras na corda que balaio é a parte mais difícil para Filippo III. A domesticadora vigia-o. Mas Filippo III sabe do seu emetier.



Esta terceira fase parece muito difícil, mas Filippo executa-a com calma e saber. Dá um pequeno balanço e as patas posteriores prendem-se na corda. Durante um momento, tudo fica a oscilar.

...mas ele, num esforço supremo, consegue firmar-se nas duas patas e lentamente, vai-se erguendo até quasi atingir a verticalidade. E assim se conserva, durante um minuto, enquanto o público o aplaude entusiasticamente.

COCKTAIL

PERIGO MAIOR...

NO Canadá deu-se ainda não há muito tempo um caso curioso: Um garoto de dez anos brincava na rua com os seus amigos, quando viu, de repente, um bol enorme, que fugira de um curral vizinho, avançar em direcção a eles.

Pois o garoto teve tanto medo que, sem saber o que fazia, unicamente para escapar ao perigo, trepou até ao cimo de um desses postos dos fios telefónicos.

Depois, ao passar-lhe o medo, é que teve bem a consciência da altura em que se encontrava. Desatou a chorar, quasi sem forças para se poder sustentar mais tempo na posição arriscada em que se encontrava.

Na rua, as pessoas, alarmadas, pediram a intervenção dos bombeiros. Enquanto estes não chegaram, os populares temiam que a criança se despenhasse no chão. Inculam-lhe coragem, dizendo-lhe que suportasse mais uns instantes, pois os bombeiros deveriam estar a chegar.

Uma velha que morava em frente teve a boa idéa de trazer todos os colchões que havia em casa. Colocaram-nos no chão, junto ao poste. Felizmente, em boa hora porque a criança, já sem forças, deixou-se cair no espaço e, com tanta sorte, que foi mesmo dar em cima dos colchões. Não sofreu, além do susto, a mais leve escoriação.

É caso para repetir a sentença popular: «ao menino e ao borracho...».



Sabe quem é Jules Romains?...

A publicação de «Os homens de boa vontade» consolidou, em todo o mundo, o prestígio de Jules Romains. Este é o seu nome literário, porque o verdadeiro, aquele que lhe deu o pai e a mãe, no baptismo, em 1885, foi: Louis Farigoule. A sua terra natal é essa encantadora terreola, perdida na França, chamada Saint-Julien Chapteuil.

Bem cedo se começou a manifestar o valor de Jules Romains. Com dezoto anos de idade, deixara-se atrair pela propaganda do «umanismo», ou seja uma teoria pela qual se propunha pintar a alma das colectividades. Na sua opinião, todas as massas encerram uma alma única, um espírito unânime. Da pintura dessa alma resulta, assim, a pintura da própria massa.

A obra de Jules Romains pode dividir-se em três partes — tais são as facetas do seu talento: romances colectâneas poéticas e peças de teatro.

Jules Romain estudou humanidade na Escola Normal Superior de Paris. Em 1909 era designado adjunto de filosofia. Tirou, também, o curso de medicina, publicando, em 1920, uma tese bastante interessante sobre a «visão extrarretiniana e o sentido paróptico», onde expõe a teoria de que certos indivíduos poderiam ver sem o auxílio dos olhos.

O maior renome de Jules Romains prende-se, por certo, às suas obras teatrais. No teatro, obteve o seu maior triunfo com a peça «Knock». Senhor de um estilo palpitante e vivo, e possuidor do segredo das situações e dos ambientes, Jules Romains possui dramas e comédias que jamais envelhecerão, como a «Knock» ou «O Triunfo da Medicina».

É esta, em traços gerais, a vida e a obra de Jules Romains — figura eminente das letras francesas.

Sabe responder?

- 1 — Quanto tempo demora a luz do sol a chegar até nós?
- 2 — Se a estrela polar se apagasse hoje, quanto tempo depois deixaríamos de ver a sua luz?
- 3 — Quanto tempo podia levar um combóio a chegar à lua, andando de dia e de noite?
- 4 — E quanto tempo levaria o mesmo combóio até alcançar a estrela mais próxima da terra?
- 5 — Em que altura apareceu a bússola na Europa?

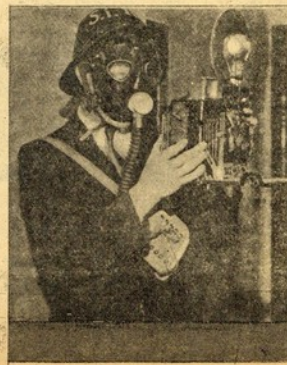
(Ver respostas na página 16)

HEROI MODERNO!

OS jornais pouco falam déles, os valorosos repórteres correspondentes de guerra, a não ser para, de quando em quando e em duas linhas apenas, mencionar a morte de mais um, em plena frente, nos lugares mais arriscados.

De máscara contra os gazes, militarizado, sempre a acompanhar a primeira linha das tropas, o correspondente de guerra é a testemunha da batalha, a consciência da história ao lado dos homens que fazem os acontecimentos.

Herói de que ninguém fala, combatente sem armas, só tem uma missão: informar! Muitos têm tomado para que os jornais que representam tragam os seus leitores a par dos grandes acontecimentos. Nesta guerra dispersa e caótica, o «correspondente de guerra» tem sabido cumprir o seu dever! O leitor que pense um nadinha nestes heróis desconhecidos quando ler, pacatamente, os telegramas do seu jornal...



Balanço do Fim do Ano

O ano de 1944 não foi dos mais propícios à cinematografia nacional, se nos reportarmos apenas ao número dos filmes estreados. Com efeito, na ronda dos programas que desfilarão pelas telas portuguesas, o cinema lusitano só duas vezes esteve representado por películas do fundo. «O Violino de João», de Braz Alves, e «A Menina da Rádio», de Artur Duarte, são, neste balanço de fim do ano, os únicos espectáculos que podemos lançar na rubrica consignada ao cinema português!

Se outros sintomas não houvesse a compensar tão doloroso panorama, teríamos razões de sobra para desanimar — e para descrever. Mas não há razões para tal, porque outros factores são índices seguros de que o cinema português, longe de se encontrar em crise, está dispostos a suas forças no sentido de uma melhoria de situação, que se impõe sob todos os aspectos, até por uma questão de decoreto nacional.

Assinalamos, antes de mais nada, quatro filmes em vias de conclusão, que só não foram estreados porque ainda não se tinham dado ao ar. «As Direitas», de Jorge Brum do Canto; «A Vizinha do Lado», de António Lopes Ribeiro; «A Noiva do Brasil», de Santos Mendes; e o filme sem título de Carlos Porfírio. Estas produções iniciadas em 1944 arrastaram-se na estadia durante o ano geral, mais do que seria razoável — e só por esse facto, repetimos, não tomaram ainda contacto com o público. Cabe aqui dizer que, ainda este ano, não conseguimos libertar-nos do pecado nacional, tão ruinoso para a indústria, da produção de filmes genéricos, mais do que seria razoável.

Quatro filmes em vias de conclusão representam alguma coisa em favor do desolador panorama do nosso cinema em 1944. Mas outras circunstâncias há a concorrer para que encaremos o novo ano com dobradas esperanças. Durante os doze meses prestes a findar, inauguraram-se dois novos estúdios, o da Lisboa-Filme e o da Cinelândia. Somados com o da Companhia Portuguesa de Filmes, representam três organizações produtoras com instalações próprias. E este facto há-de fatalmente influir na marcha e no progresso da cinematografia caseira.

Se não temos ainda as tão desejadas medidas protectorias, o diploma que reorganizou os serviços do Secretariado de Informação e da Cultura Popular pós o nosso Cinema sob a tutela daquele organismo, que tanto tem feito pela política do espírito noutros campos da actividade artística. E assim é de esperar que não tardem os projectos capazes de fomentar e assegurar a indústria, em bases sólidas. Registemos ainda o facto do mesmo Secretariado ter instituído, pela primeira vez, prémios para os melhores filmes, reali-



Sobre as fitas nacionais em produção fêz-se um silêncio que aumentou a expectativa pela sua estreia. Poucas fotografias têm aparecido nos jornais e revistas, e tal facto não pode imputar-se ao desinteresse das publicações ou do público. Damos hoje uma foto de «Um Homem às Direitas», o novo filme de Jorge Brum do Canto, versão cinematográfica da peça espanhola «Cobardias», de Linares de Rivas. Nêle se vêem Virgílio Teixeira — que embarcou há dias para a Madeira, de onde seguirá para Cuba em viagem de negócios, com demora de alguns meses — Maria Julieta e Milta Meireles. Quanto à estreia nada se sabe. Nem onde, nem quando se realizará. Mas afirma-se que o produtor César de Sá está enviando todos os esforços no sentido de a apresentar antes de 31 de Dezembro, de forma a que a película possa concorrer aos prémios de 1944 do Secretariado de Informação e Cultura Popular,

PILARIN CERESO

“A Shirley Temple de Espanha”

veio ao nosso país iniciar a sua carreira profissional como bailarina

PILARIN Cereso, a coqueluche de Madrid, cujas imagens enchem as páginas da «Fotos», do «Primer Plano» e de todos os «magazines» do país vizinho, esteve em Lisboa, de passagem para o Porto, contratada pelo «Colliseu» para actuar nos espectáculos da quadra festiva que atravessamos. Esta Pilarin, com os seus dezasseis anos, é um caso sério. Nasceu bailarina, e aos catorze era já considerada uma das mais belas promessas coreográficas, num país onde as raparigas aprendem a dançar antes mesmo de tentarem os primeiros passos. Artista até à medula, cheia de personalidade e de graça, ganhou enorme popularidade, desde menina. E o seu nome passou a valer como uma autêntica atracção. Chamaram-lhe a Shirley Temple de Espanha — e Pilarin, filha de uma família distinta, pôde consagrar-se à sua arte, sem prejuízo de uma esmerada educação, que há-de reflectir-se benéficamente no futuro.

Conversámos, há dias, com ela — e tivemos uma agradável surpresa. Pilarin já não é a menina-prodígio que há dois anos conhecemos em Madrid, mas uma encantadora mulherzinha, em plena evolução de adolescente.

— Estou ansiosa por conhecer o acolhimento do público. Dizem-me que os portugueses são muito gentis — e tive ocasião de comprovar o

facto no carinho com que me vi envolvida, desde a chegada. Sinto, porém, uma estranha emoção. É a minha primeira prova internacional. E a primeira vez que me apresento como vedeta profissional.

E, perante a nossa surpresa, Pilarin acrescentou: — Meus pais nunca quiseram que eu me contratasse, antes de me sujeitar à prova duma plateia estrangeira. Desde sempre pensamos em trazer-me ao vosso país, para aqui iniciar a carreira como profissional. A minha estrela, portanto, marca esta transição sensacional na vida duma artista — e evocá-la-ei, eternamente, pois aqui vou ganhar o meu primeiro dinheiro como bailarina.

— Mas a Pilarin — insistimos — já é uma veterana dos palcos...

— Decerto. Desde pequena que actuo em festas — e em espectáculos de beneficência. Meus pais quiseram — e quanto lhes agradeço! — que estudasse. Cursei o liceu, aprendi piano, sem deixar de continuar a dançar. Agora, se Deus quiser, seguirei daqui para a América, de onde recebi magníficas propostas.



Pilarin é uma apaixonada pelo cinema. E tomou parte em vários filmes emes espanhóis. Acaba de interpretar agora, num papel de relêvo, «Capelucita Roja», que deverá sair dentro em breve. É uma das artistas do filme — e dança, claro está.

Mas agora, nada mais a interessa do que a sua estrela em Portugal. Está ansiosa por poder apresentar-se em Lisboa. E aqui têm os leitores a história de Pilarin, coqueluche de Madrid, vedeta de cinema — e que dançando, desde menina e moça, veio agora a Portugal ganhar o primeiro dinheiro, como bailarina — depois de consagrada como tal em terras de Espanha.

FITAS FALADAS

Natal trouxe-nos nada menos de três filmes coloridos: «O Regresso», «Al-Babá e os Quarenta Ladres» e «Sinfonia das Estrelas» — um drama, uma lenda e uma comédia musical.

«O Regresso» é, incontestavelmente, uma obra fora da série. Encontramos nêle o tom de alguns filmes de Walt Disney, numa história fantástica, que nos entenece e comove, dentro da simplicidade de enfação e processos a que não estamos acostumados. A côr atinge, neste filme, um alto significado, pois está intrinsecamente ligada à beleza dos aspectos paisagísticos que servem de fundo à acção. Mas, mais do que isso, traz-nos o primeiro momento dramático sugerido pela coloração das imagens, na cena em que «Lassie», sobre os penhascos da Escócia, deixa as pégadas sangrentas da sua dolorosa caminhada. A preto e branco, poderíamos tomar as manchas como consistência das patas do animal se encontrarem umedeçadas. O mar, rolando a poucos metros, daria consistência à sugestão. Mas a côr — não deixa dúvidas. As pégadas são de sangue. E criam, na sua nudez eloquente, uma alta expressão de dramatismo. Eis um efeito que liberta a côr do papel subalterno que até aqui tem desempenhado.

Há muitas pessoas que pensam que o êxito de Dorothy Lamour se deve ao «sarong». O corpo maravilhoso, velado por escassos centímetros do pano de ramagens, foi o seu melhor cartaz. O público gostou de a ver, sob a nudez forte da verdade, e durante muito tempo Hollywood não deixou de repetir a receita, fiel ao princípio de dar aos espectadores aquilo que êles querem. E quando a vedeta apareceu vestida, foi a consagração. Isto é: já era suficientemente querida das platéias para não transigir com elas...

Com Maria Montez passa-se um facto semelhante. Acima de tudo, o

que brilha nos seus filmes é a esplêndida nudez da vedeta, velada pelos tules transparentes das odaliscas ou das princesas molras. E se os domínios favoritos da Dorothy Lamour eram as ilhas tropicais, dos «loahos» e «luahos», ou as selvas densas, impregnadas de volúpia e de mistério — Maria Montez parece condenada a viver eternamente em palácios orientais, entre sultões que a desejam para o harem e príncipes que disputam a honra de lhe dar um trono. E assim, vimo-la em «Mil e uma Noites», e vemo-la agora em «Al-Babá e os Quarenta Ladres», para a revertermos em seguida na «Cobra», a história de uma mulher que se insinua e enrosca nas vítimas, como o fim de os morder de amor e de ciúme.

E quando a Maria Montez deixar de tomar banho em piscinas côr-de-rosa, quando abandonar as lascívas danças orientais, quando não volte a especular com a sua esplêndida nudez, terá dado um passo em frente na carreira.

Muito embora haja sempre quem fique a suspirar por êstes filmes, quanto mais não seja pelo que dela nos revelam... O corpo de uma linda mulher foi, desde a antiguidade, o mais belo espectáculo de todos os tempos.

A «Fox» tem uma receita para êstes filmes: três sambas da Carmen Miranda; dois «luahos» da Alice Faye; um pouco de ciúme e de rivalidade entre duas mulheres; um galá sério e dois senhores cómicos; uma dama excêntrica; um teatro ou um «cabaaré», onde uma delas é artista. Põe todos êstes ingredientes juntos. Tempera-os com a côr. Mexe-os com uma boa orquestra. E pronto. Devemos acrescentar, com referência à «Sinfonia das Estrelas», que, desta vez ainda, a receita não desludiu os que apreciam o prato. E lã, palavra de honra, quem lamba os beiços...

Quando o pobre nos bate à porta...

Todos os que podem, a favor dos que precisam!

ERA uma vez uma menina!...
Começava sempre assim a história mais linda da nossa meninice, aquela que nos acompanha pela vida fora e que nunca mais se esquecerá: Era uma vez uma menina...
E a menina era sempre muito linda, muito boa, vestia de branco vaporoso, parecia um anjo que polsava na Terra, só para fazer bem e espalhar benesses. E havia também sempre a menina pobre, boazinha, a tiritar com frio, cheia de fome, que viera a este mundo, só para justificar a bondade e a doçura da menina rica.
Tudo era tão ingênuo mas tão verdadeiro, tudo se revestia de tanto simbolismo, para exprimir uma verdade pungente, que mais tarde todos de algum modo encontrámos isto mesmo na vida e no dia-a-dia!...
Pois não era?

Nessa lição, nêsse exemplo, em que se formava o nosso espírito infantil, triunfavam sempre as forças do bem contra as forças do mal. Mas, na vida, nem sempre assim acontece. Há como que um sentimento de injustiça oculto. E, daí, nascem as pequenas heroínas dos romances vividos — tanta criança que vem ao mundo em precárias circunstâncias e vive a vida tormentosa dos grandes!...

*Que quem já é pecador,
Sofra tormentos, enfim!...
Mas as crianças, Senhor,
Por que lhes dais tanta dôr?
Por que padecem assim?*

Augusto Gil não se revolta: calhe «uma infinita tristeza» uma «funda turbacão» que ficam presas no seu coração de poeta delicado. Mas os outros homens, os que não são poetas, aqueles que conhecem as asperezas da vida pensam, crêem e querem que seja de outro modo.

Por que há tantos meninos pobres? Será para que desçam à Terra os meninos bons?

Lisboa, o país inteiro, conhece agora o «slogan»: *Todos os que podem, a favor dos que precisam*...

Jorge Garcia, através destas fotos, realizou um belo trabalho. Elas são o «diálogo fotográfico», a concretização do «slogan» oficial. E, vendo-as, poderíamos compôr uma história que começasse assim:

Era uma vez uma menina muito boa e muito linda. Tinha muitos vestidos no seu pequeno guarda-fato, tinha muitos brinquedos, era mimada mas vivia triste, porque aquilo tudo era demasiado para ela e ela sabia que havia outras meninas que nada tinham do que lhe sobrava. Um dia, apareceu uma pobrezinha e a menina rica foi mostrar-lhe os seus bonitos. A menina pobre ficou deslumbrada! E, então, as duas, lado a lado — a menina rica teve que subir a um banquinho, para chegar ao guarda-fato... — destinaram: isto é para ti, daquilo não preciso...

Todos os que podem...

A menina rica não ficou pobre e a menina pobre ficou rica!



Tu tens frio... Gostas deste casquinho? Talvez te sirva, não?



Havemos de ser sempre amiguinhas. Nunca deixes de bater à minha porta!

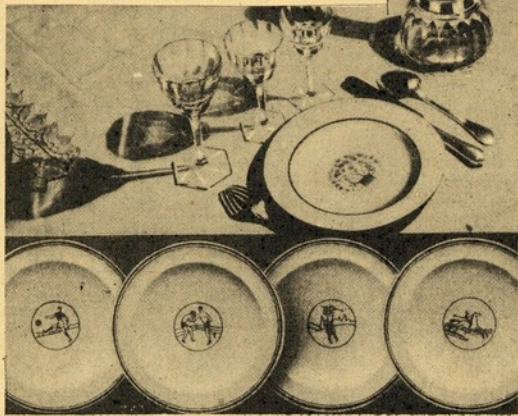


Agora, com tudo isto, nem tu tens frio nem eu!

FÁBRICA PORTUGAL

APRESENTA O MELHOR
SORTIDO EM:

CRISTAIS
CUTELARIAS
PORCELANAS
ALUMÍNIO
LOUÇA ESMALTADA



NOS SEUS SALÕES DE VENDA

RUA FEBO MONIZ, 2-2º - TEL. 47157-8-9
PR. RESTAURADORES, 49-57 - » 2 4948
AV. DA REPUBLICA, 57 - » 4 1189
RUA DA GRAÇA, 82-84 - » 4 9109

PARA SER BEM SERVIDO SEJA CLIENTE DESTA BOA CASA

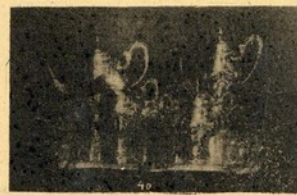
PHILIPS



Casa José Costa ~ Radio Luz
Rua de S. Paulo 11-13 - Lisboa Tel. 2 4888



**OURIVESARIA
DA
GUIA**
FUNDADA EM 1875



O melhor e mais completo sortido

JOIAS * OURO * PRATA * RELÓGIOS

RUA MARTIM MONIZ, 2-10º - RUA DA MOEDA, 7-11
LISBOA - TELEFONE 2 8330



Decore a sua casa
com economia e bom
gosto com lustres
e candieiros

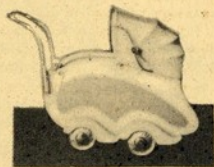
C. MILLER
em vidro, metal,
louça, madeira, etc.

Fabricação de artigos
decorativos e bibelots
inspirados na arte italiana

À VENDA NAS
BOAS CASAS

**Fabricante
C. MILLER**

6, R. EDUARDO GOELHO, 8
LISBOA TELEF. 2 8313



**CARRINHOS
E CADEIRAS
PARA CRIANÇAS**



A PRONTO E COM FACILIDADES DE PAGAMENTO

J. COSTA & SILVA, L.ª

RUA ARCO BANDEIRA, 70-1.ª
LISBOA - TELEFONE 2 0713

**CASA
REGIONAL**



AS MAIS LINDAS COLEÇÕES DE BORDADOS
EM LINHO ORGANDI E TULE
RUA PAIVA ANDRADE, 4 (AO CHIADO) - LISBOA - TEL. 25974

PREÇA NA SUA PAPELARIA PRODUTOS
«NORUS» TINTAS PARA
ESCREVER, COLAS,
LACRES E PAPEIS
QUÍMICOS



MOISES & REIS, L.ª
FABRICA: TRAV. DAS AGUAS BOAS, 11
TELEFONE 2 4 493
RUA FABRICA DA POLYORA, 27-A
1.ª ETAPA 41-431
LISBOA



ARMÉNIO SILVA

do duo "Óscar-Arménio"
conversou quasi "a sério"
connôco ...

ARMÉNIO Silva começou por nos dizer, cantarolando:

— «Ainda eu era pequenino...»
De facto, ainda éle era pequenino, já fazia coisas complicadas... Ainda de calções, já se dedicava a assuntos musicais, perante o aplauso das vistas... E assim, neste jeito de encantar toda a gente, ficou toda a vida... Com um fio de voz, uma viola, uma guitarra ou um bandolim, uma tendência enorme para a poesia humorística, um gosto especial para o arranjo e ensaio de vozes e o seu especial «à-vontade», Arménio Silva chegou até à queda do cabelo, atravessando uma vida de trabalho e sorriso, sempre na boa disposição de dispor bem os outros, sempre a esconder o valor que realmente tem... Arménio Silva, camarada e amigo duma simpatia enorme, quasi nos lá fazendo desistir da intenção que nos levou a acordá-lo às 5 da tarde... (Compreendemos bem que não eram horas de acordar ninguém que se deitou ao meio-dia...)

A nossa entrevista custou a chegar ao fim... Perante uma pergunta bem intencionada, vinha, irremediavelmente, um trocadilho «a propósito»... E a conversa descambava sempre pra risota e na graça...

Mas, depois, conseguimos falar quasi a sério... Que vitória!

Com o bilhete de identidade na mão—por causa das dúvidas...— Arménio Silva afirma-nos:

— Tenho 29 anos. Nasci em Novembro de 1915.

E pede que ponhamos isto bem legível «por causa das prendas», diz éle.

— Diga lá coisas da sua vida artística...

— Desde muito miúdo que ando por palcos e espectáculos, no contacto diário com músicos e artistas... Actual no teatro. Recordo a opereta «Mouraria», por exemplo... Andei pelo comércio. Mas voltei sempre à música e ao palco. Trabalhei com o «Quarteto Vocal Folclórico»...

— Diga-nos alguma coisa desse conjunto...

— O quarteto foi ensaiado pelo

Belo Marques. Enquanto eu lá estive, se bem me recordo, teve a colaboração artística de Alfredo Lopes, João Valério, Cardoso Pessoa e a minha... Tivemos inúmeras apresentações: no «Variedades», no «Maria Vitória», no Pôrto, na provincia... — E houve uma intervenção no cinema...

— Sim, no «João Ratão»... Foi um êxito que me deu a certeza de que eu tenho muito jeito para «galãs»...

E pena ser quasi careca... Mas eu nesse filme estava bem, estava muito bonito! Nesse ano as minhas conquistas subiram para 720, duas por dia...

— Depois do «Quarteto»?

— O Oscar... A Emissora...

— Recorda-se dalgum caso com graça passado com o Oscar no ambiente artístico?

— Recordo-me de muitos... Quasi todos são impróprios para jornais... Talvez este sirva: Estávamos a trabalhar no Rivoli do Pôrto. A tarde fomos ver o palco e preparar as coisas para o espectáculo dessa noite. O teatro estava deserto e quasi às escuras. O palco, então, que é grande e comprido, estava sem luz nenhuma. Andávamos lá apalpadelas e seguíamos do fundo para a frente, no sentido da plateia. Eu parei. O Oscar seguiu e disse de o ver... Ouví barulho e chamei por éle. Respondeu-me uma voz muito «fundo de poço», muito fraquinha, um débil «estou aqui»... O Oscar tinha caído para o espaço da orquestra e estava de barriga para o ar no meio de estantes e músicas, com um fósforo aceso na mão...

— Da sua vida actual, que nos pode dizer?

— Nada de importante. Tenho estado em Santarém, ensaiando nos ensaios do Orfeão Português, que é dirigido e ensaiado pelo Belo Marques... E continuo a trabalhar com o Oscar...

— Para terminar, pode dizer a sua ultima quadra...

— Não posso... Não posso, por causa da Censura...

— Bom, então outra qualquer sem tantas «liberdades poéticas»...

— Lá vai!

Há uma coisa na vida pra mim cheia de mistério: são os mortos vão pr'ó outro mundo pra que é... o cemitério?



MAGDA PORTUGAL uma brasileira na Rádio portuguesa

Magda Portugal—quasi ninguém o sabe...— nasceu no Rio de Janeiro, mesmo no coração da grande capital brasileira...

Hoje, mulher e artista, segue o caminho da Rádio portuguesa e por cá anda, depois de concluídos os seus estudos preliminares...

Aluna da Faculdade de Letras, com os cursos superiores de canto e piano, veio do Rio para o Pôrto e do Pôrto para Lisboa, sempre com a sua vocação de artista a guiar-lhe os passos.

Primeiramente, o «Grupo Verde-Galo» trouxe-a para a capital, aproveitando-lhe a sua habilidade para a dança. Mas a Rádio tentou-a. A E. N. deu-lhe o ensejo, e através das «Variedades» e dos «Serões», Magda Portugal tomou contacto com o público radiofónico.

A sua voz—ela própria o diz— forte e teatral, inclina-se para o teatro... Entretanto, continua no desejo firme de ser uma boa artista da Rádio...

Dizem que Magda Portugal vai para o teatro; outros garantem-lhe uma viagem longínqua; ela architecta uma possível admissão a Direto e um realizador prometeu-lhe um papel num filme... Em que ficará?...

Nem ela própria o sabe... Apenas adivinha que o seu verdadeiro fim será, logo que possa, seguir para a sua terra, para o Brasil... Entretanto—e mesmo com possíveis teatros, cinemas ou cursos...— os ouvintes continuarão a ter na Rádio portuguesa a brasileira Magda Portugal...

NOTA DA SEMANA

O Natal, o Ano Novo e a Rádio...

N^{ESTES} dias, em que a falta de assunto radiofónico assume proporções assombrosas, o rubricador habitual desta «Página de Rádio», compreendendo bem a psicologia do leitor radiófilo, que quer encontrar na leitura desta revista uma atenuante para os aborrecimentos do dia-a-dia, espôta-se à procura dum assunto novo... Raras vezes o encontra e quasi sempre é com um acaso sereno, pensado e de mau humor que se preenche esta «Nota da Semana»...

Mas hoje, não!
Hoje, temos um grande assunto: o Natal que passou e o Ano Novo que vai começar!...

Radiofonicamente, este periodo de festas não dá mais do que uns tantos programas especiais e... mais trabalho aos locutores, produtores, técnicos, etc...

Alguns passam a noite de Natal ou o fim do Ano trabalhando para os ouvintes, que quasi sempre se aproveitam dos seus serviços, e... se esquecem deles. Ora, neste periodo em que os brindes festivos destas noites de alegria e esperança pedem paz, saúde, bem-estar e coisas boas, há um sentimento de solidariedade, um elo de amizade entre os homens, irmãos ou inimigos, ouvintes ou trabalhadores da Rádio... Aquêles que têm a felicidade de estar ao pé dos seus, no ambiente familiar ou amigo que escolheram como o melhor, não devem esquecer—e não esquecem, estamos certos—aquêles que o trabalho ou qualquer outro motivo torçoso afastam do meio onde é possível uma boa noite de Natal ou uma boa passagem de Ano... Achemos, pois, que esse sentimento solidário e amigo que agora se destaca e anda no coração de todos, vai, com certeza, abranger os que ouvem Rádio em favor dos que trabalham nela.

E, assim, já esperamos que o fim do próximo Ano seja para os que ganham o seu pão nas estações radiodifusoras mais acarinadas e menos esquecidas por parte dos ouvintes do que tem sido até aqui... E para isso só é preciso que não se esqueçam de exteriorizar o tal sentimentozinho de que atrás falamos...

Sabem o que é passar o fim do Ano e começar o Ano Novo numa cabina de serviço entre microfones e discos, ou entre fios e pick-ups, preparando para os outros melhores festas e melhores e mais apropriadas emissões?...

Pois bem! Não os deixem sós. Acompanhem-nos, pelo menos em pensamento, e nos brindes que fizerem...

Boas-festas senhores da Rádio!
Boas-festas senhores ouvintes!

F. C. R.

«GONGS»

* Deixaram de fazer serviço como locutores estagiários, ao microfone da Rádio Clube Português, os locutores das estações particulares, Sara-mago e Melo Pereira. As provas destes dois candidatos às vagas do R. C. P. foram, quanto a nós e apreciadas do exterior, boas.

* A recepção das estações centralizadoras de Lisboa continua a ser deficiente, principalmente à noite. Temos a impressão de que com um pouco de boa-vontade e a interferência do organismo oficial competente, a situação seria modificada para melhor.

* Se bem que o teatro seja uma coisa e a Rádio outra (sem piada aos críticos de teatro...), há vozes no nosso teatro ligeiro que se adaptariam à Rádio com facilidade e acerto. Neste momento em que escasseiam as vozes radiofónicas, seria curioso que «experimentassem» algumas. Quatro nomes, ao acaso: Berta Cardoso, Arminda Vidal, Hermínia Silva e Carmencita Aubert.

* Um conselho a um locutor: «Não diga, quando não souber a pronúncia exacta, os títulos estrangeiros dos trechos que anunciar. Há sempre um camarada ou um amigo que pode ajudar. Pergunte-lhe. Se assim fizer, não tornará a dizer tópicos como «Stormi Uioer» e «Orquestra Nid Kinol de Londres»... E cauteia com os «canônes»...

GRACINHAS

Ser locutor é uma coisa importante. Muito importante mesmo... E dá nas vistas, mais do que tudo, mesmo que éle passeie na rua e leve o corpo à praia, para o mostrar...

Senão, reparem no furor que fazem certos locutores, que levam a voz ao café e dizem alto: — «Um café... água...».

Ah! Sua Excelência o Locutor!...



Cartas na mesa

O Parlamento britânico entrou em período de férias, depois de algumas sessões de ambiente super-aquecido, em que o Primeiro Ministro e os seus mais imediatos colaboradores políticos, o vice P.-M., sr. Atlee, e o secretário do Foreign Office, sr. Eden, tiveram por mais que uma vez de fazer frente a investidas sérias, fomentadas principalmente pela evolução da crise grega. Pode dizer-se que o debate ficou em suspenso. Como em suspenso ficou a própria questão que o provocara. Entretanto, como aliás é de uso em momentos tais, foi posta a comunicação de que o Parlamento seria convocado no caso de surgir algum problema que forçasse o Governo a tomar decisões imprevistas. Era ainda o caso grego que pairava em todos os ânimos.

Entretanto, surgiu acontecimento inesperado, que não provocou a convocação extraordinária dos parlamentares em férias, mas quasi fez apagar e esquecer o drama interno da Grécia: a arrancada ofensiva das divisões alemãs do marechal de campo Karl Rudolph Gerd von Runstedt, que conseguiram tromper, pela parte ocidental, no sector a cargo do 1.º Exército americano, chefiado pelo general Hodges. A data a que escrevemos, a decisão da batalha não está ainda à vista, mas não deixa de ser de registar a declaração, feita em Washington, de que, possivelmente, o 1.º Exército teria de ser equipado inteiramente de novo. Isto, pôsto a par do pormenor, evidenciado pelos correspondentes aliados, de, pela primeira vez, os alemães terem podido alinhar longas filas de prisioneiros americanos, dá a medida das perdas até então registadas. A ofensiva foi lançada com evidente carácter de surpresa, servida por uma aglomeração de meios que, ao que parece, o comando aliado considerava impossível aos alemães fazer reunir e pôr em marcha; e serve para atestar, manifestamente, o proverbial engenho dos alemães para a arte da guerra, pois uma vez mais deram prova da sua capacidade de manobra.

Do lado aliado, sem se pôr em dúvida a importância do cometimento, pôs-se a hipótese de que o batalha travada podia vir a ser a da decisão da guerra. Isto é, que, fazendo afluír ali todas as suas reservas, o comando alemão podia dispôr-se a arriscar tudo num último encontro, que, jogado a oeste do Reno, podia impedir que viesse a travar-se, finalmente, a batalha da Alemanha: ou os alemães ganhavam o lance — e ganhar é sempre ganhar; ou o perdiam — e mesmo assim ganhariam a economia das riquezas dispostas no seu próprio território, que por este meio uma vez mais seriam poupadas à devastação da guerra. De um modo ou de outro, a Alemanha obteria vantagens de apreciável importância. Além disso, o comando aliado dificilmente seria capaz de não ter presente a recordação da grande ofensiva alemã na primavera de 1918 — o episódio de 9 de Abril é dessa época — que foi o último arranço. Dois meses depois, começava a contra-ofensiva de Foch, que levou ao pedido de armistício.

Em qualquer caso, porém, à margem das conseqüências militares, o ataque alemão não deixará de ter conseqüências políticas, pois deve ter soado como um sinal de rebate por todos os países, recentemente libertos da ocupação militar alemã e onde, de momento, as preocupações de política interna quasi tinham feito esquecer as obrigações de uma guerra que para alguns parecia ter já acabado. Nas vésperas das grandes negociações diplomáticas que têm estado a anunciar-se, o caso não será de somenos importância: cada um dos participantes do rendez-vous terá que levar na sua agenda, para exhibir perante os outros, a sua conta de ganhos e perdas. O factor militar não é acessório. Pelo contrário, a boa ou a má diplomacia têm que se servir dele — e, quanto mais valiosas forem as cartas de que cada um dispuser, mais fácil será a decisão. Isto é de todos os jogos — mesmo deste jogo mais complicado da governação dos povos.

J. R. S.



GRÉCIA

Um rei no exílio

JORGE da Grécia assiste aos novos lances dramáticos que se desenrolam no seu país, e muitas vezes há-de ter sentido ocllar-lhe na cabeça a jovem coroa dos gregos. E-lo, ao rei Jorge, no seu mais recente flagrante, apanhado pelo repórter fotográfico de um jornal londrino. Porque o rei dos gregos permanece na Grécia, à espera que a vontade do povo decida do seu regresso.

Repare-se na simplicidade de um monarca do nosso tempo e como ele procura aproximar-se do homem comum, bem longe dos ouropéis de outros séculos...



INGLATERRA

O HOMEM DE BOA VONTADE

O problema da Grécia atinge, neste momento, um interesse e uma acuidade que não precisam de ser aqui salientados.

A viagem de Churchill àquêle país, em companhia de Eden e de um séquito de técnicos reveste-se, portanto, neste momento, de um significado evidente. As conferências anglo-gregas estão a realizar-se num ambiente de tensão que os telegramas não escondem e o Governo do sr. Papandreu há-de já ter chegado à conclusão de que, além das pessoas que o rodeiam, há mais quem saiba o que quer, na sua terra.

De facto, até ao momento, não parecem muito efectivas as bases do entendimento, no seio grego, porque os homens que ajudaram a expulsar o inimigo e lhe fizeram a vida negra, durante a ocupação, reclamam uma situação pelo menos paralela à de quantos fora da pátria, portanto com menos riscos, prepararam com os Aliados o golpe da derrota alemã na Grécia.

Todo o monumento da política pessoal de Churchill, construído durante quatro anos a poder de sangue, suor e lágrimas está em jogo, portanto. Acreditemos na sua boa vontade, acreditemos na sua inteligência e na sua política de apaziguamento e concessões mútuas. Mas não deixemos de pensar com desgosto que o homem que não triunfou até à data no caso polaco — pode também perder agora esta causa comum das Nações Unidas, tão ligada aos próprios destinos da guerra.

Para quando a segunda "Conferência dos Três"?

OS acontecimentos mundiais estão a tornar cada vez mais urgente uma reunião dos chefes das três maiores potências que se comprometeram a combater a Alemanha e o Japão até à derrota definitiva destas nações

Aquilo que foi resolvido na conferência de Teherão já se encontra, há muito, queimado pelo tempo e pelo desenrolar dos ventos; por isso, recentemente, ainda — salvo erro a 15 deste mês — de novo a voz autorizada de Churchill se levantou, nos Comuns, para informar o povo britânico e o mundo de que, até então, tinha tido esperanças de que a entrevista dos supremos representantes da Grã-Bretanha, Estados Unidos e U. R. S. S. se poderia realizar antes do Natal. Como, porém, tinha chegado à conclusão de que essa esperança era infundada, resolvera comunicá-la à Câmara.

Examinemos os motivos que tornam perigoso mais este adiamento e, ao mesmo tempo, procuremos desvendar os motivos que o justificam.

Uma das dificuldades de solução mais complexa parece ser a escolha dum ponto de reunião que seja, simultaneamente, acessível a Churchill, a Roosevelt e a Estaline. O Primeiro Ministro britânico está, segundo tudo indica, disposto a dirigir-se a qualquer local que o marechal Estaline marque, se bem que preferisse que a conferência tivesse lugar na Grã-Bretanha.

Porém, as probabilidades da vinda do chefe russo à metrópole britânica são quasi nulas e tal proposta deve, até, ter sido feita com muito pouca convicção da parte do proponente...

Na opinião de Churchill, a nova reunião dos principais dirigentes das Nações Unidas está a tornar-se urgentemente necessária, não só em virtude de ser preciso resolver o problema polaco, mas também solucionar todas as questões militares pendentes e estabelecer os alicerces definitivos da tão falada «organização de segurança mundiais».

A experiência dos factos passados demonstrou que os problemas, por mais complexos que sejam, podem ser dominados com relativa facilidade, quando as individualidades, cujo encargo é pô-las em equação, se reúnem em torno da mesma mesa.

Todavia, as notícias vindas da America não são animadoras para aqueles que favorecem a realização da conferência. A explicação desta dificuldade é fácil e já foi anteriormente posta em destaque por nós — a escolha do local do encontro.

Segundo afirmam os observadores políticos de Washington, a reunião só poderia ter lugar se Estaline e Churchill estivessem na disposição de ir aos Estados Unidos encontrar-se com o Presidente Roosevelt, visto este não poder, de momento, abandonar o seu país em virtude de ter de submeter à apreciação do Congresso, durante a primeira semana de Janeiro, os relatórios anuais da política interna e externa norte-americana, e ter de comparecer, no dia 24 de Janeiro, à cerimónia que marcará o início do desempenho das funções oficiais do seu quarto mandato presidencial.

Desta maneira se malogrou o apêlo de Churchill e, conseqüentemente, se originou o adiamento, por ora indeterminado, de tão importantíssima reunião.

Um jornal londrino, a este propósito, comentava, recentemente, que na Grã-Bretanha se pensava, de boa-fé, que depois das eleições presidenciais nos Estados Unidos, as relações anglo-americanas se tornariam mais fáceis de conduzir e que o encontro dos estadistas responsáveis se realizasse logo a seguir.

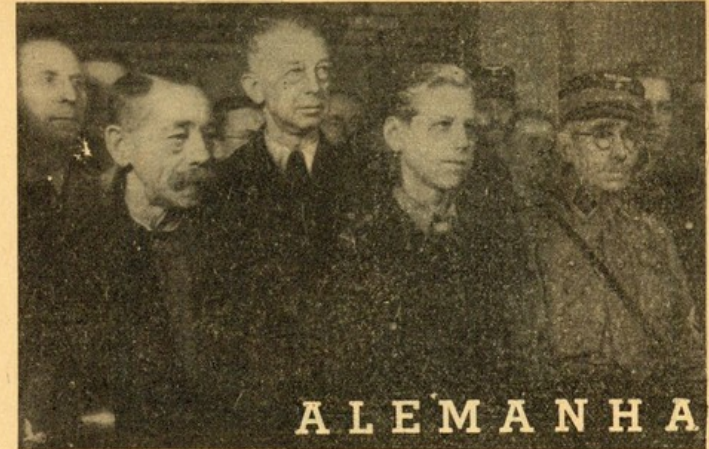
Final, ao contrário do que se esperava, as relações anglo-americanas tinham-se tornado mais difíceis, e a perspectiva da reunião dos «Três Grandes» tendia a dissipar-se, mais uma vez, apesar dos esforços de Churchill.

E o «Daily Mail» terminava o seu artigo de fundo com estas palavras, onde se presente desgosto e aborrecimento: «Não podemos acreditar que este estado de coisas corresponda à vontade da grande massa do povo britânico, russo ou norte-americano».

«Permitir que semelhante desorganização continue a desenvolver-se seria uma verdadeira traição aos milhões de combatentes de todas as Nações Unidas, cuja coesão nas acções contra o inimigo comum deve ser igualada à unidade de pontos de vista existentes em torno duma mesa de conferências».

Se se olhar para as questões da Grécia, onde Churchill foi levar a sua mensagem de boa vontade, da Itália, da Bélgica, da Polónia e de todos os outros países em ebulição política, descobrir-se-ão outros exemplos dos ueirgos resultantes da falta da tal acção concertada a que se referem as sensatas palavras do conhecido periódico britânico...

JOSE CORREIA RIBEIRO (Sobrinho)



ALEMANHA

A última ofensiva?

DE repente, o mundo ficou surpreendido com a grande contra-ofensiva alemã na Bélgica. Parecia que o conflito já não ofereceria golpes teatrais, que tudo ia seguir a marcha desenhada. Mas os alemães voltaram à energia do «blitz», à guerra relâmpago de extrema mobilidade, enquanto os americanos haviam pôsto à venda as sobras de aviões e os ingleses chamavam às fileiras mais reservas, confessando a seriedade do ataque...

Que se passava, então, na Alemanha?

Milagre de um povo que quer vencer perdendo tudo, o desvendar do mistério está principalmente na psicologia desse mesmo povo.

Por toda a parte houve um levantamento total.

Nas aldeias limítrofes da Prússia Oriental, onde já se sentia o canho-neio soviético, o avanço parece ter estacado de repente.

«As nossas formações da milícia popular e as nossas armas conseguiram deter o avanço soviético, apesar de a sua superioridade, em quantidade de armas pesadas»...

...E, enquanto os Aliados passavam a digladiar-se no solo conquistado — surgia a grande contra-ofensiva na Bélgica, onde o avanço alemão está a ser dificilmente sustido.

Será, então, esta a última grande ofensiva da guerra actual? Será o «canto de cisne alemão» ou a última grande batalha que abra as portas à retirada aliada?

A foto dá-nos uma imagem do «Volk ans Gewehr!» — às armas! — do povo alemão.

Todas as idades aqui estão representadas, porque todos acorreram à chamada: um militar da secção S. A. — com 72 anos; um rapaz da juventude Hitleriana — de 15 anos; um comerciante de 52 anos e, à esquerda, um operário especializado, de 58.

NATAL - ANO BOM — Lembra-se que o melhor presente é um bom livro. Temos organizado um serviço especial de remessa directa de livros acompanhados de um cartão de Boas-Festas, num lindo estojo. — Dirija-se à **BOLSA DO LIVRO** - P. D. João da Câmara, 4, 4.º - Telef. 28470 — LISBOA

Beveridge fala às massas

«Sr. William Beveridge, o autor famoso do famoso plano de reconstrução social que traz o seu nome, não resolve os problemas do mundo fechado no seu gabinete. Como Sócrates, como Catão, vai pelas ruas levar o seu credo, fala às massas na sua linguagem acessível e faz ver ao povo, sacrificado pela guerra, que a paz o compensará dos seus sacrifícios. No meio da rua, promove os seus «meetings» e elucida o povo sobre a mecânica da sociedade. Os velhos professores da antiga Roma e os legisladores de Atenas não foram mais atentamente escutados!»



FRANÇA A guerra entre as mimosas



OS restos do exército de Hitler, com o seu estado-maior, sob a pressão aliada e das F. F. I. detem-se no limite da França, perto da fronteira italiana...

Diante de Menton, estão as forças coloniais francesas e os soldados de Eisenhower. Mas nem de um lado nem do outro se faz fogo...

Esta era a situação militar. Vamos agora visitar algumas das cidades que criaram renome na Côte d'Azur — na região das mimosas.

Pobre, bela e rica Côte d'Azur. Como ela sofreu! Lembra-se desse delicioso Beaulieu e da sua magnífica «Reserva»? Lembra-se dessa aldeiazinha de Antheor, agrupada à volta da «gare» florida e vizinha do viaduto? A ponte deve ter sido destruída para evitar a passagem dos alemães e, então, as casas foram todas pelos ares. E a bela tríplice ponte, sobre o Var? Tudo foi destruído, de modo que Nice está como que fora da França. Eze, o cabo de Ail, La Bocca, tantos nomes conhecidos de pequenas estações, tudo levado pela metralha! E Cannes, a esplêndida Cannes... Por toda a parte desolação, destituição, tristeza e luto: os alemães passaram, os franceses ficaram... com fome! Os belos campos de oliveiras são campos de minas ameaçadores, as pérgolas escondem artimanhas de guerra — tudo o que o génio diabólico pôde conceber ali depôs para tornar inferno um cenário único no mundo. Por toda a parte impera o cimento: é bastião, é muralha, é fortim.

Os vidros das montras «chics» fizeram-se pó, os espelhos dos grandes armazéns desapareceram, as pranchas tóscas tapam buracos nos tetos e soalhos daqueles que foram magníficos salões de baile, de chá, de jogo, de grande sociedade. O pobrezito do edifício dos correios, ao lado do Casino, onde o mundo inteiro ia deltar cartas e enviar saudades, ficou só com uma parede, erguida por milagre. Mesmo o pôrto de Mônaco está ferido pela guerra. Só — quem diria! — ficou de pé, do antigo fausto, o teatro onde Paray dá concertos e se apresentam «ballets» russos. Porque aqui, na Côte d'Azur, até as «vilas» dos multi-milionários foram pelos ares. De pé, impassível — só o homem: são os gendarmes de Mônaco, de farda azul e

(Continua na pág. 16)



Deseja um Ano Novo Feliz aos seus clientes



INVERNO...

REUMÁTICO...
PARALISIA DA VIDA!

Algumas fricções de

BAUME BENGUÉ

e a vida continuará

NÃO DEIXE QUE AS DORES
REUMÁTICAS LHE TOLHEM
OS MOVIMENTOS

Adquira por Esc. 75\$00, em
qualquer Farmácia, uma bis-
naga deste bem conhecido

BAUME BENGUE

O ANALGÉSICO DAS DORES



HERPETO
O CHAPEU
INCONFUNDÍVEL
Rua do Carmo 93-95 LISBOA
ETP

Deseja Boas Festas e feliz Ano-Novo aos seus Ex.^{mos} Clientes



RUA AUREA, 172

APRESENTA AS ÚLTIMAS NOVIDADES EM

**SOBRETUDOS
GABARDINES
IMPERMEAVEIS**

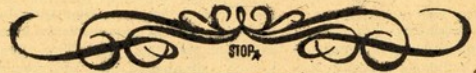
Camiseiros de categoria desde 1910



Artemis

49. RUA DO CARMO, LISBOA

*Camisaria, malhas, meias, luvas e
novidades para homem e senhora*



UMA GOTTA DE «HERPETOL»

E O DESEJO DE COÇAR PASSOU. A IRRITAÇÃO E
DOMINADA. A PELE REFRESCA-SE E O ALÍVIO COMEÇA

«HERPETOL»

É UM MEDICAMENTO SÉRIO E CERTO PARA TODOS OS
CASOS DE ECZEMA (HÚMIDO OU SECO), CRUSTAS, FERIDAS,
ERUPÇÕES, ARDENCIAS NA PELE, ETC. ATÉ HOJE AINDA
NÃO APARECEU COISA MELHOR

À venda em todas as farmácias e drogarias

Preço avulso: 11\$00



Se sofre das gengivas faça uma mensagem com



Se quer ter os dentes sãos e belos lave-os com SULFADENTINA

Quadro de classificação dos solucionistas da 1.ª Série

I

CLASSIFICAÇÃO GERAL

1. — Leiria Dias (Lisboa), com 23 classificações (começou no n.º 1).
2. — Zirteba (Lisboa), com 22 classificações (começou no n.º 1).
3. — Natércia Leite (Lisboa), com 21 classificações (começou no n.º 1).
4. — João Alberto Gouveia (Lisboa), com 20 classificações (começou no n.º 1).
5. — Fernando Edgar Trigo (Ermezinde), com 20 classificações (começou no n.º 1).
6. — Mimi Sherlock Holmes (Lisboa), com 19 classificações (começou no n.º 6).
7. — Rapsag (Setúbal), com 19 classificações (começou no n.º 1).
8. — Artur Varatojo (Lisboa), com 18 classificações (começou no n.º 3).
9. — Teimoso n.º 1 (Loulé), com 18 classificações (começou no n.º 3).
10. — Ivone Costa (Lisboa), com 18 classificações (começou no n.º 3).
11. — Alberto de Penamacor (Coimbra), com 17 classificações (começou no n.º 6).
12. — Rómulo (Lisboa), com 17 classificações (começou no n.º 6).
13. — Manuel P. Soares (Macedo de Cavaleiros), com 17 classificações (começou no n.º 2).
14. — Alberto de Oliveira (Lisboa), com 16 classificações (começou no n.º 5).
15. — M. (Algés), com 16 classificações (começou no n.º 8).
16. — O Lobo Solitário (Pórt), com 15 classificações (começou no n.º 8).

LISBOA

1. — Leiria Dias.
2. — Zirteba.
3. — Natércia Leite.
4. — João Alberto Gouveia.
5. — Mimi Sherlock-Holmes.
6. — Artur Varatojo.
7. — Ivone Costa.
8. — Rómulo.
9. — Alberto de Oliveira.
10. — M.

PROVINCIA

1. — Fernando Edgar Trigo (Ermezinde).
2. — Rapsag (Setúbal).
3. — Teimoso n.º 1 (Loulé).
4. — Alberto de Penamacor (Coimbra).

5. — Manuel Pereira Soares (Macedo de Cavaleiros).
6. — O Lobo Solitário (Pórt).

II

MÉRITO ABSOLUTO

1. — Mimi Sherlock-Holmes (Lisboa), 8 classificações.
2. — Leiria Dias (Lisboa), 6 classificações.
3. — Alberto de Penamacor (Coimbra), 5 classificações.
4. — Artur Varatojo (Lisboa), com 5 classificações.
5. — Natércia Pereira Leite (Lisboa), 5 classificações.
6. — Zirteba (Lisboa), 5 classificações.
7. — Artur Silvares (Lisboa), 5 classificações.

III

MÉRITO RELATIVO

1. — Fernando Edgar Trigo (Ermezinde), 18 classificações.
2. — Leiria Dias (Lisboa), 17 classificações.
3. — Zirteba (Lisboa), 17 classificações.
4. — João Alberto Gouveia (Lisboa), com 16 classificações.
5. — Natércia Pereira Leite (Lisboa), com 16 classificações.
6. — Ivone Costa (Lisboa), com 16 classificações.
7. — M. (Algés), com 15 classificações.
8. — Rapsag (Setúbal), com 15 classificações.
9. — Manuel Pereira Soares (Macedo de Cavaleiros), com 15 classificações.
10. — Teimoso n.º 1 (Loulé), com 14 classificações.
11. — Detective de Calças (Coimbra), com 14 classificações.
12. — Artur Varatojo (Lisboa), com 13 classificações.
13. — Rómulo (Lisboa), com 13 classificações.

NOTA FINAL

Nos concorrentes que apresentam o mesmo número de classificações em qualquer dos mapas, dá-se preferência, em primeiro lugar, aos mais bem classificados na pontuação do Problema n.º 22.

MISTÉRIO E AVENTURA

Problema fisionómico

(Resposta ao n.º 187)

O Problema Fisionómico (e não Fisiológico, como safu por infeliz gralha tipográfica), despertou grande interesse entre os nossos leitores.

Alguns foram bons observadores — e acertaram. Outros, baseando-se apenas no palpite... erraram totalmente.

Eis as referências às fotografias publicadas:

1. — Mary Fitzgerald foi a vítima. Apaixonara-se por William Garson, e a sua rival, Lilla Bunker, matou-a por ciúmes.
2. — William Garson, o causador do cruel assassinato de Mary Fitzgerald.
3. — Lilla Bunker, a mulher que, num acesso de desespero amoroso, matou cruelmente a sua rival Mary Fitzgerald.
4. — O tenente Spencer que, depois dum brilhante trabalho, conseguiu desvendrar a morte misteriosa de Mary Fitzgerald.

INQUÉRITO AOS LEITORES

Por proposta de Artur Varatojo, acolhida com interesse por grande número de leitores, é apresentado um inquérito aos leitores desta página sobre os seguintes tópicos:

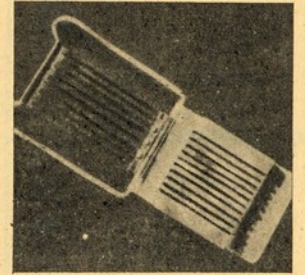
A — Que autores policiais preferire?

B — Que romances policiais gostaria de ganhar durante os Concursos Mensais?

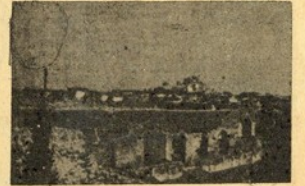
As respostas devem vir o mais rapidamente possível, para melhor elucidação do nosso serviço de organização de prémios para os Concursos Mensais de Mistério e Aventura.

Você é bom observador?

Segundo com estes ligeiros «tests» apresentamos hoje ao leitor um certo número de fotos onde pode exercitar os seus dotes de observação. Tem a certeza de que é bom observador? Então, veja se resolve o «test» de hoje, enquanto não começam os Concursos Mensais.



As senhoras costumam usar este instrumento de culinária para: a) cortar batatas; b) cortar pão; c) cortar «spaghetti»; d) cortar ovos cozidos.



Este panorama é: a) de São Paulo; b) de Pompeia; c) de Praga; d) do Luxemburgo.



Este fotógrafo pertence: a) ao exército francês; b) ao exército alemão; c) ao exército inglês; d) ao exército americano.

Cada resposta certa vale 5 pontos.

(Lev. respostas no próximo número).

FUMADORES

Podem fumar hoje mais que nunca e ficar com os dentes como tições, porque o Embryodine-Dental põe-nos brancos e brilhantes em alguns minutos apenas.

EMBRYODINE-DENTAL

vende-se nas boas casas. Um tubo, 10\$00. Agente geral para Portugal e Espanha: J. Santos, Rua Santo Ildefonso, 29 — Pórt. Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F., L.ª, Rua dos Figueiros, 135, 3.ª Dir.ª. Telefone 43582.

EDITORIAL AVIZ

Apresenta o 1.º volume dos INÉDITOS e DISPERSOS de

Éça de Queiroz

CRÓNICAS DE LONDRES — 20\$00

LEIA: CARTAS DE GRANDES MÚSICOS com 10 RETRATOS — 77\$50

BREVEMENTE

CARTAS DE ÉÇA DE QUEIROZ

ENTRE CORAIS e TUBARÕES

a caça submarina no MAR das CARAÍBAS

por HANS HASS

RUA DA TRINDADE 20-2.º



Regulamento geral dos Concursos Mensais de "Mistério e Aventura"

Iniciam-se a partir do segundo número de Janeiro de «Vida Mundial Ilustrada», os Concursos Mensais de Mistério e Aventura, os quais serão regulados pelas seguintes normas de orientação:

1. — Semanalmente, em cada mês, será publicada na página Mistério e Aventura um problema inédito original português e já seleccionado pelo organizador da página.

2. — A solução desse problema sairá no número seguinte da revista mas o quadro dos solucionistas que acertaram com a solução exacta do problema será publicado apenas daí a dois números.

3. — No final de cada mês contar-se-ão os pontos correspondentes aos solucionistas que tenham entrado em todos os Quadros de Mérito do respectivo mês.

4. — Mensalmente, por classificação ou por sortelo — se houver mais do que um concorrente em 1.º lugar — serão designados os campeões nas duas séries dos Concursos: Produtores e Solucionistas.

5. — Esses campeões têm direito a um determinado prémio — que, em princípio, consiste num romance policial — e irão sendo anotados num Quadro de Honra especial.

6. — Produtores e Solucionistas devem obedecer a certas regras individuais.

A) PRODUTORES:

a) Os produtores de problemas para os «Concursos Mensais» de Mistério e Aventura enviarão os seus trabalhos com a devida antecedência, a fim de serem rigorosamente seleccionados e entregues às secções encarregadas das fotos ou de s. desenhos.

b) Será dada preferência aos problemas de maior originalidade e de maior lógica.

c) Os problemas publicar-se-ão de modo que o mesmo produtor não se repita amfudadamente.

d) No final de cada mês, os solu-

cionistas indicarão o seu voto para o problema preferido nesse mês, ajudando as razões da sua escolha.

e) Os produtores não poderão votar nos seus próprios problemas.

f) Os solucionistas estabelecerão, aliás, uma bitola de 4, 3, 2, 1 pontos (ou de 5, 4, 3, 2, 1) para os problemas apresentados durante o mês — bitola que será registada num cupão publicado oportunamente na página.

B) SOLUCIONISTAS:

a) Semanalmente, os concorrentes apresentarão uma solução ao problema saído.

b) Para o Quadro de Mérito serão aproveitadas apenas as soluções absolutamente de acordo com a solução oficial.

c) Aos solucionistas que apresentem soluções parcialmente certas, mas lógicas e deduzidas com brilho, será dada uma Menção Honrosa, sem direito a prémio.

d) Para o sortelo mensal serão contados unicamente os pontos respeitantes aos problemas desse mês.

e) Os concorrentes da provincia terão mesmo um dia no prazo dado aos concorrentes lisboetas para entrega das soluções.

f) Cada solucionista deve procurar ser o mais claro e honesto que lhe for possível, respeitando o trabalho dos outros concorrentes.

7. — Os solucionistas e os produtores campeões que figurarem no Quadro de Honra três vezes seguidas ou cinco vezes alternadas terão direito a prémios especiais.

8. — Será publicada a fotografia dos campeões nas duas séries: Solucionistas e Produtores, excepto no caso dos escolhidos se recusarem.

9. — Este regulamento poderá ser alterado no decorrer dos Concursos, mas nunca no meio de qualquer Concurso Mensal.

10. — Todos os casos indicados e mesmo os omissos serão resolvidos, imparcialmente, pelo Repórter Mistério, organizador desta página.

Um Grande Exito

VIDA DE JESUS

por PLÍNIO SALGADO



EDITORIAL ÁTICA

3.^a

EDIÇÃO
6.º e 7.º MILHARES

«A JOIA DUMA
LITERATURA»

*

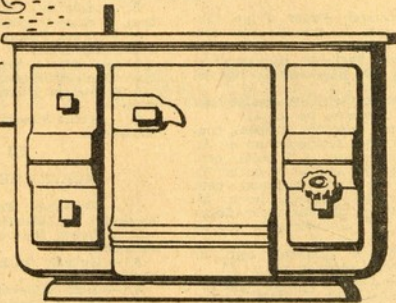
A' venda em todas as livrarias

Pedidos à
EDITORIAL ÁTICA, L.DA
Rua dos Chagas, 23-27
LISBOA



DESDE TEMPOS REMOTOS
QUE O CALOR PARA COSI-
NHAIR TEM SIDO UM
PROBLEMA COMPLICADO

COM OS MODERNOS FOGÕES
PARA LENHA E CARVÃO
DA FUNDIÇÃO DE OEIRAS
ESSE PROBLEMA, FÓI
SUPERIORMENTE RESOLVIDO



TODOS OS PRODUTOS DA
FUNDIÇÃO DE OEIRAS
SÃO DISTRIBUIDOS PELOS

EST. JOAQUIM GOMES PORTO

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO
RUA DO LORETO, 61 · LISBOA · TELEFONE 22667



PELES

Nacionais e estran-
geiras. Importação di-
recta. Armazem con-
fecções. Vendas ao
comércio

MONDALCO, L. DA

Rua da Vitória, 73, 2.º-E.
SÉDE E ESCRITÓRIOS CENTRAIS
Rua do Ouro, 165, 1.º—Telefone 2 9840

A guerra entre as mimosas

(Continuação da pág. 12)

vermelha e luva branca; são os civis; são os soldados americanos que, não podendo pernolitar aqui, saltam dos «jeeps» e fazem-se fotografar diante do Casino e do Teatro...
Depois, de tempos... a tempos, ouve-se um tiro. É o canhão? Talvez sejam as mimas que saltam de toda a parte, deixadas pelo ocupante no caminho, nas rochas...

Depois da retirada dos italianos vencidos — os haviam iniciado a fortificação de Nice — os alemães continuaram a sua obra: construção de fortins, muralhas de betão, com um metro de largo — uma loucura em cimento armado, que galvanizava, de preferência, os lugares poéticos da costa. Sob as ordens de Kommel, Nice, pátria das mimosas, transformou-se em bastião irredutível. O Hotel Suisse, que fecha a linha do mar, foi cimentado interiormente e, até acima, forrado de ferro, guarnecido de canhões e, por fim, pintado de verde, cinzento e negro...

A muralha do Mediterrâneo estava concluída. A organização Todt tinha disposto de tudo — até à utilização de objectos de arte que jazem adormecidos no jardim Alberto I.

Enfim, de 14 para 15 de Agosto último, os nicensens não deixaram de ouvir troar o canhão da invasão aliada. Nice não teve tempo de ir pelos ares. Os alemães partiram, os aliados passaram. Hoje, a Avenida que desce até à Praça Massena está deserta. Os nicensens não gostam de passar por ali. Tem presentes aqueles dois patriotas suspensos dos candeeiros pelos SS. Os jardins do casino são moles de cimento explodido, os hotéis do Passeio dos Ingleses estão desertos e destruídos. Só o Negresco ficou salvo — porque foi lá que se instalou o estado-maior alemão.

Nice está deserta. Mas quem há-de povoa-la? Dez mil dos seus filhos foram levados para a Alemanha. E, entretanto, Nice reclama 35 mil sotas por dia para os seus pobres; pede vias de comunicação, pede milagres ao seu jovem prefeito — M. Escande... Nice espera pela «saison» — porque sem ela, Nice não pode sobreviver. Os estrangeiros voltarão a animar os seus casinos, as suas avenidas guarnecidas de lindas mimosas...

E Marseille? Ela conhece bem a extensão das suas feridas — em Setembro, cada pessoa comia apenas 150 gramas de pão por dia — mas tudo passou, tudo pertence ao passado: a ocupação italiana, a ocupação alemã.

O seu porto destruído está a ser reconstruído, as suas casas ressurgem, o seu povo ergue-se como um só homem.

Não será assim em toda a França? Quem duvida?

Salão de Inverno

(Continuação da pág. 21)

pastel — «Azenha no rio Ave» — o magnífico, quasi inexcédível desenho de Varela Aldemira, «Retrato de António Bivar» e, a fechar, o elogio a José Contento que nos deu a recolha de assuntos franceses e, sobretudo, «Santa Genoveva».

Certamente, haveria muito mais a dizer desta exposição. Mas uma nota final talvez expresse tudo: há bons plasticizadores — mas falta frescura e imaginação aos novos. A casinha, a árvore — felizmente, houve este ano poucas cebolas... — as flores, as abóboras, a esposas no retrato, tudo isso é pouco para criar a razão de um quadro, se não for visto por melhor ou mais jovem prisma.

Salvo opinião em contrário — M. A. Lima Cruz é hoje dos nossos artistas a que consegue encontrar, de facto, novas expressões de arte. E vê-la nesta exposição.

M. A.

Sabe responder?

RESPOSTAS

- 1 — Otto minutos.
- 2 — Apenas 40 anos depois, que é o tempo que demoram os seus raios de luz a chegar à terra.
- 3 — Entre 5 e 7 anos.
- 4 — 75.000.000 de anos.
- 5 — Entre o século XIII e XIV.

KANSAS, janela aberta da América

HOJE, na América moderna, na América que só por si vale um mundo rico de idéias, de inteligência e de sangue juvenil, nessa América que, afinal, é uma luz do presente sobre o futuro — o Estado do Kansas bem pode considerar-se, pelas suas possibilidades inúmeras, pelo seu progresso, pelo seu desenvolvimento, uma verdadeira janela aberta...

Sim, uma janela aberta, donde os jovens americanos olham os horizontes com absoluta confiança no seu destino. E esses plainos largos, que os olhos não conseguem alcançar, encerram em si uma das maiores riquezas do solo pátrio.

E, contudo, em 1861, o Kansas tinha apenas quatrocentas milhas de comprimento por duzentas de largura.

Depois dessa sangüinolenta tragédia que foi a guerra civil, onde irmãos tomaram no mesmo sangue derramado em nome dum ideal que ainda não conseguiu ser realizado, os colonos começaram a dirigir-se para o Kansas, onde aproveitaram as magníficas pastagens para os seus gados e plantaram centeio e trigo.

E assim o Kansas foi-se desenvolvendo, apenas com excepção da área ocidental, onde a água era bastante escassa.

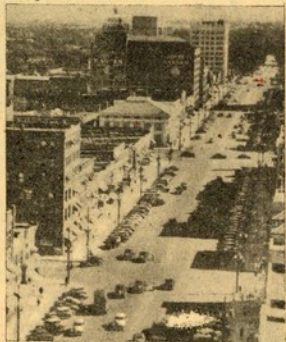
Hoje, porém, todo o Kansas, de norte a sul, de leste a oeste, é um esplêndido solo, e os seus dois milhões de habitantes sentem um orgulho natural e uma validade que não escondem.

Basta acentuar que o Kansas possui cerca de sessenta milhões de acres de terra, onde o arado pode seguir as caminhadas triunfantes arrancando da terra os tesouros que ela guarda avaramente.

E aquela pobre área ocidental, que fora tão escassa de água, está hoje recheada de poços. Mais uma vez o esforço do homem vencera os obstáculos da natureza.

Mas, sobretudo, o Kansas é o maior reservatório mundial de petróleo e sais minerais. Allás, os próprios cientistas americanos prevêem ainda que esta região será, após a guerra, o maior centro de fabricação de material plástico e de indústrias químicas.

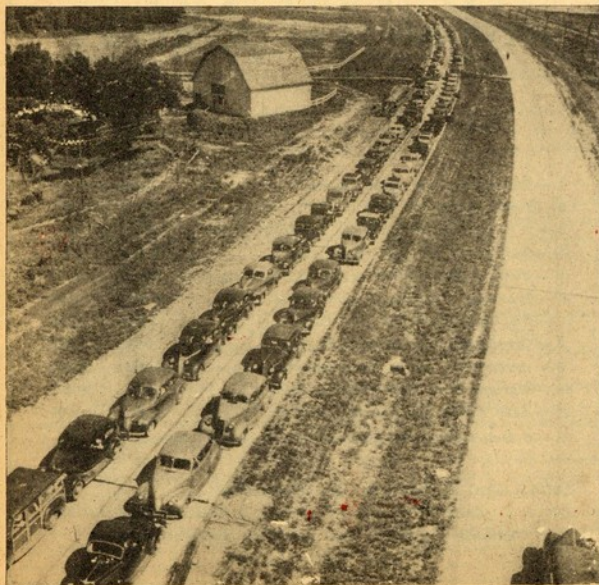
Por isso o Kansas — esse Kansas que possui um número mínimo de analfabetos e o número máximo de estudantes — sente orgulho e confiança nos seus destinos!



Mas no Kansas há também os grandes centros comerciais, com um movimento enorme e um aspecto verdadeiramente grandioso.



De manhã à noite, nos campos do Kansas, os homens arrancam à terra os seus tesouros...



Por vezes, assiste-se a estes curiosos espectáculos pelas magníficas estradas do Kansas.

ITINERARIO PITORESCO



As duas cidades de Berlim

NESTAS duas pitorescas fotos existe um contraste flagrante: ambas representam a cidade de Berlim... mas a sete séculos de distância.

Assim, de duas vilas de pescadores, Koelln e Berlim, nasceu, finalmente, a grandiosa cidade de Berlim, que é actualmente uma das maiores capitais do mundo.

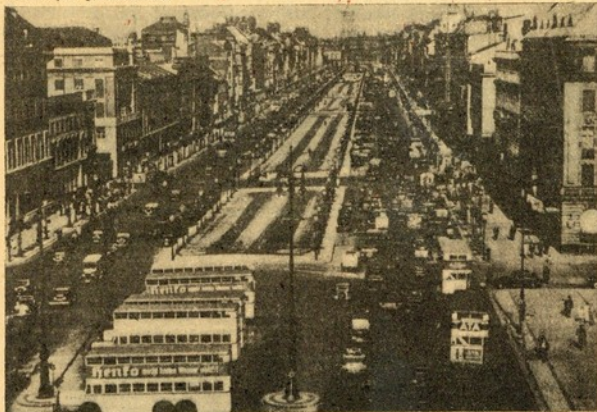
Segundo uns, a palavra Berlim deriva do símbolo das suas armas, um urso, em alemão «baerlein». Segundo outros, a grande maioria, significa pasto pouco fértil e designava um lugar arenoso nas margens do rio Spree.

Como a vida muda... A sete séculos de diferença, quasi ninguém se lembra já das remotas vilas de Koelln e de Berlim.

E dos tempos medievais apenas restam, como destaque, as edificações da igreja de S. Nicolas e do Convento, onde o desenvolvimento da arte é ainda um dos orgulhos dos alemães de hoje.

Cidade moderna, nova, Berlim alia o fausto à desenvoltura das suas avenidas largas.

Nada a liga já ao passado. Excepto a tradição, que não morre. A tradição e os contrastes que surgem, por vezes, observando pitorescas gravuras como estas que publicamos.



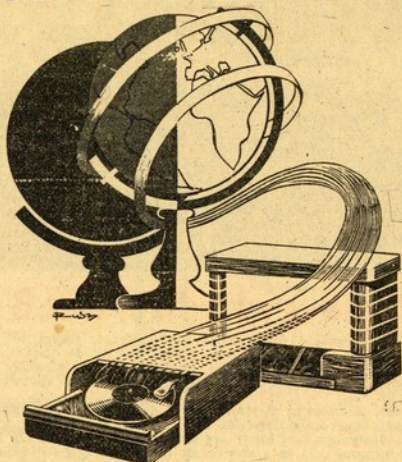
IMAGENS DO MUNDO

O TEMPLO DOS MILAGRES

Este templo, todo construído em madeira, na cidade indiana de Goporan, é conhecido pelo templo dos milagres e recebe diariamente centenas de peregrinos que aí vão pedir socorros divinos para os seus negócios, para as suas doenças, para os seus amores e... para as suas dívidas também.



DISCOFONES ELECTRICOS



O ideal para reprodução de discos através de qualquer aparelho receptor

A maior variedade

Modélos simples e com mudança automática, em caixas de madeira polida ou pintada, para corrente alterna de 110 ou 220 volts, e para tôdas as correntes

EST. VALENTIM DE CARVALHO
RUA NOVA DO ALMADA, 97

Enviaremos grátis catálogos descritivos



MODERNISE A SUA CASA DE BANHO
COM UMA INSTALAÇÃO DA FIRMA

Mármore Sousa Batista, L.^{da}

PRAÇA DO MUNICÍPIO, 30
LISBOA ~ TELEFONE 2 7643

★
SOMOS MUITO
FELIZES MAS
SÓ AGORA VI-
VEREMOS VER-
DADEIRAMENTE
TRANQUILOS
COM ESTE
SEGURO

Dotal

QUE GARANTE
O FUTURO DO
NOSSO FILHO,
SEGURO
FEITO NA



★ **ULTRAMARINA** ★

RUA DA PRATA, 108 - LISBOA - TEL. PABX. 23348/9

A EDITORIAL

“GLEBA”

PUBLICOU ATÉ HOJE NA COLECCÃO

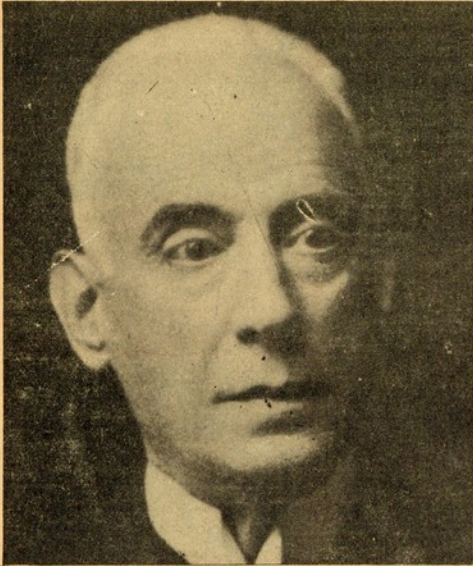
“Romances célebres”

	BROCHADO	ENCADERNADO
1— <i>Ciuleandra</i> , por Líviu Rebreanu.....	10\$00	17\$00
2— <i>Taráz Bulba</i> , por Gogol.....	10\$00	17\$00
3— <i>O retrato de Dorian Gray</i> , por óscar Wilde...	12\$00	19\$00
4— <i>O sonho do Tio</i> , por Dostolewsky.....	10\$00	17\$00
5— <i>Entre o Céu e a Terra</i> , por Otto Ludwig.....	15\$00	22\$00
6— <i>Trovoada à Esquerda</i> , por Morley.....	12\$50	19\$50
7— <i>Um Caso Tenebroso</i> , por Balzac.....	12\$50	19\$50
8— <i>Crepúsculo</i> , por Anthony Trollope	15\$00	23\$00
9— <i>Arrependimento</i> , por George Elliot.....	15\$00	23\$00
10— <i>Mariana Sirca</i> , por Grazia Deledda.....	15\$00	23\$00
11— <i>Adão e Eva</i> , por Charles Oulmont.....	15\$00	23\$00
12— <i>O Meio-Maluco</i> , por Gino Saviotti (a sair do prelo).		

CADA LIVRO EDITADO É UMA OBRA-PRIMA
QUE SE DÁ A CONHECER AO PÚBLICO PORTUGUES
Editorial «GLEBA», Ltd. — Rua da Madalena, 211-3.
Telef. 28933 — LISBOA

D. Alberto Bramão,

o político, o poeta e o jornalista



Uma das últimas fotografias de D. Alberto Bramão

FUI, apesar da diferença de idades, amigo íntimo de Alberto Bramão. Não posso, não quero, não devo esquecê-lo agora que ele morreu. E agrada-me recordar aqui alguns momentos da sua vida, pelo menos a partir daquele momento em que ele, muito novo ainda, ingressou no jornalismo. Não completara vinte anos e já ocupava o lugar de redactor em diversos órgãos jornalísticos do antigo regime. Marcando sempre uma posição de relevância na vida social portuguesa, a morte veio encontrá-lo, cerca dos seus oitenta anos de idade, em plena pujança de espírito e permanente actividade.

Director da Sociedade Propaganda de Portugal, devotado até o último instante à causa daquele organismo, Alberto Bramão, que exercia as funções de director-delegado do órgão jornalístico da Colónia Portuguesa do Brasil, «Voz de Portugal», para o qual escrevera dias antes da sua morte a sua última correspondência, manteve-se jornalista de profissão em plena actividade até o limite extremo da sua existência.

D. Alberto Bramão era, pela bondade, pelo esmero da sua educa-

ção, pela graciosidade do seu espírito, uma destas pessoas doutros tempos e de que raros subsistem, em nossos dias, simples e afectuosos, brilhantes e superiormente cultos.

Dizia-nos o ilustre escritor Sousa Costa, na visita que lhe fizemos no Pôrto: «Tenho as maiores saudades de Lisboa onde fiz toda a minha vida, mas a minha maior

sauidade daquela terra é o convívio de Alberto Bramão».

Conversador exímio, poucos com ele possuíam o dom de prender e captivar quem dele se aproximava. Lembra-nos que, em Julho de 1940, Alberto Bramão deu entrada no Pavilhão do Hospital de S. José para se sujeitar a uma melindrosa operação. Foi sua dedicada esposa, a escritora Adelaide Bramão (Baroneza X), quem, nessa altura, nos contou o curioso episódio: Alberto Bramão avisou o médico operador de que o deveria mandar chamar, no momento preciso, ao corredor do Pavilhão, onde andaria a passear com amigos seus. O médico foi buscá-lo, ele próprio. E Alberto Bramão, com uma serenidade estoica, pediu licença aos seus amigos para interromper uma anedota que estava contando, dizendo: — «Volto daqui a pouco para continuá-la».

Muitas vezes o visitámos all na rua Leão de Oliveira, a Santo Amaro, onde tomámos diversos apontamentos, alguns dos quais serviram para este apanhado de idéias.

Alberto Bramão era um Desempenhador das funções de rio particular de Hintze Ribeiro,

cuja memória mantinha a mais acrisolada devoção. No seu curiosíssimo volume «Recordações», publicado em 1935, deixa exarada a sua homenagem pessoal ao Presidente do Conselho do rei D. Carlos.

Conta Alberto Bramão que, sendo Hintze Presidente do Conselho, recebeu de Mousinho de Albuquerque uma carta em que o grande capitão de África desrespeitava o Rei. Era tão forte a subordinação da sua consciência pessoal ao princípio do poder real que, temendo que a carta pudesse vir a ser conhecida de alguém, tomou imediatas providências para que fosse queimada, não dando do seu conteúdo conhecimento a quem quer que fosse.

Com a morte súbita e inesperada de Hintze Ribeiro, Alberto Bramão abandonou a política activa. Os acontecimentos precipitaram-se. A cisão de João Franco dentro do partido regenerador a que se seguiu a cisão José Maria de Alpoim, dentro do partido progressista, muito viriam a contribuir, com o desentendimento no campo monárquico, para o apressamento da implantação da República. Sobre essa fase da vida política portuguesa, prometera-nos o falecido jornalista e escritor copioso depoimento escrito que, infelizmente, não chegou a dar-nos.

Alberto Bramão, como deputado monárquico, propôs, na Câmara dos Deputados, a votação da lei de divórcio. Durante cinco anos, travou sôzinho a campanha e confidenciou-nos ele que, se não fora a correspondência recebida de muitas senhoras que lhe forneciam elementos e o encorajavam, teria desistido. Nos três anos, porém, que antecederam a implantação da República, graças à acção que diáritamente vinha exercendo nas colunas de «O Século», posto à sua disposição por Silva Graça, a campanha tomou vulto e, em 1910, Alberto Bramão tinha a apólia já dois terços da Câmara.

Dias depois do triunfo da revolução republicana, Alberto Bramão, que não alimentava em si qualquer espécie de facciosismo político, subiu a escadaria do Ministério da Justiça para felicitar o dr. Afonso Costa, de quem era amigo pessoal. O ministro

recebeu-o de braços abertos, comunicando-lhe: «Pois agora é que vem a lei do divórcio!».

Alberto Bramão ofereceu-se para apresentar o projecto de lei, o qual entregou ao ministro ao fim de três dias, depois de ter procurado o doutor Cunha e Costa, que redigiu a parte jurídica da lei do divórcio. A forma como ela foi votada pela Assembleia Constituinte e a interferência que nessa votação tomou o dr. Teófilo Braga são bem conhecidas, para que o estejamos a lembrar.

Confessou-nos Alberto Bramão que sempre estivera em desacórdio com os processos de propaganda dos candidatos republicanos, relatando-nos um episódio dum comício republicano em Santarém, em que João Chagas, apontando uns carros de bois e virando-se para o povo, disse: «O ouro que a família real gasta anualmente para viver chegará para encher aquêles três

carros. Com a implantação da República esse ouro que deixará de ser gasto com a família real será distribuído por vós».

Falando-se de Afonso Costa contou-nos, certo dia, Alberto Bramão que, em 1935, de visita ao Museu do Prado, em Madrid, cruzou com o que fôra o mais famoso dos nossos políticos republicanos. Preguntando-lhe, naturalmente, quando voltava ao nosso país, Afonso Costa deu-lhe a entender que tinha bem a noção de, por muito que visse, se lhe não oferecer a possibilidade de voltar a mandar em Portugal.

Cultor das belas letras, Alberto Bramão tinha pela sua geração literária a mais viva admiração. Lembra-nos que, já Carlos Malheiro Dias regressado do Brasil, havia morrido para o culto da inteligência, Alberto Bramão nos disse um dia: «Não há o direito de designar quem quer que seja como o primeiro entre os nossos escritores de ficção, quando é vivo ainda um Carlos Malheiro Dias».

Poeta de fina inspiração literária, tem no auto em verso «Julgamento do Amor», dedicado a sua esposa, que ele tantas vezes nos disse ver sempre nos seus dezóito anos, «companheira insubstituível da sua vida e da sua alma», um dos trabalhos mais belos da sua carreira literária.

E queremos aqui transcrever:

SOLDADO DESCONHECIDO

Desconhecido!... Não. Eu conheci-o. E toda a gente o conheceu também... Era aquêlê rapaz cheto de brilo, Que abandonou a noiva, pai e mãe.

E foi; tonsado ao sol, curtido ao frio, Em nobre ardor, por êsse mundo

Além, A defender a Pátria, onde floriu O encanto ideal que a juventude tem.

Batalhou e venceu, glorioso e forte. Morto!... Que importa, se morreu

Em graça! O herói que morre vence a própria morte.

O heroísmo é feito de imortalidade. O herói fundiu-se no clarão da raça... E a raça tem por si a eternidade!

Este soneto está gravado no bronze junto do túmulo do Soldado Desconhecido, na Sala do Capítulo do Mosteiro da Batalha.

JOSÉ PLÁCIDO BARBOSA

Napoleão ERA MUÇULMANO?

O caso parece estranho à primeira vista. Ou antes: a pergunta é que não parece a propósito. Todavia, não somos nós que a formulamos — mas um jornal francês, o «Tam». Bonaparte seria muçulmano?

Sim, era, se dermos crédito ao sr. Merad — que não conhecemos — e que escreveu aquêlê jornal fazendo essa afirmação curiosa. O sr. Merad, intérprete «judiciaire au Telagh», baseia-se, aliás, num trabalho escrito por Christian Cherfiels, «Bonaparte e o Islão».

Eis o texto:

«Ao cheick El Messiri, Quartel General do Cairo, II Fructidor, ano VII (28 de Agosto de 1798). Espero que o momento não tardará e então poderei reunir todos os homens sábios e instruídos deste país e estabelecer um regime uniforme, baseado nos princípios do Alcorão que são os únicos verdadeiros e os únicos que podem fazer a felicidade dos homens».

Bonaparte (Documento XX, n.º 8.148).

«Certamente, já lhe disse muitas vezes e em várias circunstâncias, fazendo-o saber por muitos discursos, que sou um «muçulmano unitário» que glorifico o profeta Mohammed e que amo os muçulmanos». — Bonaparte. (Nakoula, página 22 da edição árabe).

O jornal francês não faz comentários e não é a nós que nos compete fazê-los. Entretanto, parece-nos curioso registar este depoimento que pode, mesmo no caso de constituir documento escrito, revelar apenas o tacto político de Bonaparte, tão forte na diplomacia como na estratégia.

E, a propósito, visto que falamos de Napoleão, cabe aqui um esclarecimento a uma legenda publicada há pouco, a acompanhar a reprodução do célebre quadro que vem na obra de Octave Auboy «Sainte Helene».

Sem dúvida, não assistiram à morte do «Corso» — isolado do mundo, desterrado de Santa Helena — a Imperatriz e os grandes da corte. Como se sabe, Bonaparte morreu cumprindo o destêro imposto pelos Ingleses e longe de Maria Luíza, sua esposa, que com elle cortara relações havia muito. Aos seus últimos momentos do «Corso» assistiram, como se vê no célebre quadro: os generais Bertrand e Monthouloz, Madame Bertrand e filhos, os cirurgiões Omeara e Arnott, o padre Vignali e poucos mais.



Alberto Bramão está ao centro da foto, feita durante uma sessão na Sociedade Propaganda de Portugal. Acompanham-no, entre outros, António Eça de Queiroz, architecto Raúl Lino e o antigo ministro do Comércio, Sebastião Ramires.

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

por Carlos Ferrão

Capítulo XXVI — Países ocupados — Holanda

QUANDO, no começo da ocupação alemã o Comissário do Reich deu publicamente a garantia de que o seu país não pretendia, de maneira nenhuma, impor aos holandeses as concepções do nacional-socialismo, era convicção predominante entre os dirigentes alemães que a população da Holanda se deixaria penetrar, facilmente, pela influência dessas idéias. A Alemanha nacional-socialista, para executar o seu projecto da Ordem Nova na Europa sob a égide dos povos de origem germânica, não toleraria que precisamente um desses povos prejudicasse o seu trabalho, qualquer que fossem os pretextos ou as razões que para isso se invocassem. Essa era, praticamente, a razão principal por que as autoridades alemãs de ocupação se empenhavam, embora por métodos diferentes daqueles que foram adoptados noutros países submetidos ao regime de ocupação prolongada, em conseguir a adesão do povo holandês aos seus conceitos de vida e de actividade no plano internacional.

Durante dois anos e meio, entre a data da invasão e o começo das vitórias dos Aliados, entre Junho de 1940 e Dezembro de 1942, a Holanda foi submetida a um esforço intenso de nazificação em que as autoridades ocupantes e os seus agentes tiveram a cooperação activa dos elementos colaboracionistas e especialmente dos membros do partido Mussert. Esse esforço, que deparou com uma resistência cada vez maior da população, malogrrou-se por fim e provocou a organização de um extenso movimento de resistência. Para que este se alargasse contribuiu poderosamente a duração da guerra. Para chegar a esse resultado é preciso entrar em linha de conta, sobretudo, a partir de certa altura, com os reveses sofridos pelas armas alemãs em vários teatros de operações, sobretudo na frente leste e na guerra aérea, e com a acção persistente do governo holandês, que tinha a sua sede em Londres, e dos órgãos de propaganda dos Aliados que frequentemente se dirigiam ao povo holandês incitando-o a resistir e anunciando-lhe uma libertação próxima e total. O conjunto destes factores só passou a exercer, porém, uma influência decisiva na marcha dos acontecimentos, a partir de 1943.

A PROPAGANDA DO NACIONAL-SOCIALISMO

Pode dizer-se que o começo da propaganda dos ideais do nacional-socialismo na Holanda coincidiu com o começo da ocupação. Para a realizar foram utilizados todos os meios: o jornal, a rádio, o cinema. O partido «N. S. B.» intensificou as suas reuniões públicas e promoveu marchas e concertos militares. Fiel à sua tática tradicional de conqui-

tar a juventude, a propaganda alemã criou uma organização para-militar, a «Nationale Jeugdstorm», que fascinava a mocidade, masculina e feminina, com os seus uniformes coloridos e brilhantes. O corpo de professores dos vários ramos e graus de ensino e os compêndios escolares foram sujeitos a um trabalho de revisão demorado.

Durante os meses de Verão, organizaram-se acampamentos da mocidade onde se pregavam as doutrinas e se cantavam os hinos nazis no meio de fogueiras acesas durante toda a noite. Estes métodos cedo revelaram, porém, a sua pouca eficácia, e foi necessário substituí-los por outros mais enérgicos e rendosos. A mocidade, tal como acontecia ao resto da população, não manifestava uma grande simpatia pela propaganda conduzida em todos os tons pelas autoridades de ocupação e pelos elementos do partido «N. S. B.». As crianças, os adolescentes e os estudantes faziam o vácuo em volta dessa acção, conduzida pelos processos mais modernos e científicos. A imprensa do partido nacional-socialista holandês começou a queixar-se da falta de compreensão e, a partir de certa altura, da hostilidade do meio em relação ao conceito da Nova Ordem.

Esta resistência, que conheceu várias fases e cuja gravidade aumentava à medida que o tempo decorria, exigiu um trabalho de depuração de que as autoridades alemãs se encarregaram e que se estendeu, rapidamente, aos mais distintos sectores da vida oficial e particular dos holandeses, dos ministros à imprensa e dos organismos locais ao cinema. Não houve departamento da administração pública nem ramo de actividade privada que não fosse atingido por essa depuração que contribuiu para dividir a nação holandesa em dois grupos rivais e irreductíveis, criando as condições para futuros e dramáticos acontecimentos.

IMPREENSA, RADIODIFUSÃO, CINEMA, THEATRO

A Imprensa, à qual durante certo tempo deram uma certa liberdade, foi um dos primeiros organismos que se tornaram objecto duma depuração rigorosa. Para fazer jornalismo era indispensável estar filiado na organização profissional do partido. As autoridades de ocupação convocavam, frequentemente, os directores e chefes de redacção para lhes impor directivas sempre orientadas no sentido da propaganda dos ideais nazis. Realizaram-se, periodicamente, conferências e congressos em que os jornalistas eram submetidos a provas de compreensão e de fidelidade ao credo nacional-socialista. Estas conferências e estes congressos traduziam-se, na prática, por

um magistério realizado pelos doutrinários alemães, em relação aos holandeses que tinham por missão informar os seus compatriotas.

A radiodifusão na Holanda passou a ser rigorosamente controlada e orientada pelas autoridades de ocupação ou pelos seus agentes locais. A transmissão radiofónica de conferências, entrevistas e reportagens obedecia a um critério rigoroso de escolha, e só eram aprovados os textos que deliberadamente faziam a apologia da Nova Ordem ou dos conceitos do partido. Para o uso de receptores, cedo foram cominadas penas severas cuja gravidade aumentou em função da evolução dos acontecimentos no exterior. As emissões das estações britânicas de radiodifusão e os apêlos frequentes do governo holandês de Londres e da rainha Guilhermina eram objecto duma acção implacável e constante.

Nos cinemas da Holanda passou a ser consentida exclusivamente a passagem de filmes holandeses ou alemães. Como os primeiros eram em quantidade insignificante, esta medida traduziu-se por um exclusivo para as películas alemãs. Nos programas passaram a ser obrigatoriamente incluídos filmes de propaganda. Como aconteceu com os jornais, a receita dos cinemas diminuiu vertiginosamente logo que estas medidas começaram a produzir plenamente os seus efeitos.

O exercício da profissão de actor passou a ser também vigiado, e só era permitido a candidatos que manifestassem publicamente a sua adesão à causa da Nova Ordem. Os alemães fundaram na Holanda um valioso grupo de artistas com as secções de declamação, ópera lírica e teatro ligeiro. Mas as representações desse grupo foram escassamente frequentadas e, a partir de 1943, tiveram de cessar por completo.

A ATITUDE DA IGREJA

Em Setembro de 1940, quatro meses depois da invasão, o Sinodo das Igrejas reformadas decretou que a autoridade religiosa pertencia à rainha. Nestas condições os pastores deviam continuar a fazer preces pela família real e pelo governo. Estas ordens foram rigorosamente cumpridas em todos os templos do país. Em Março de 1941, o conjunto das Igrejas protestantes da Holanda dirigiu uma carta colectiva aos secretários gerais dos ministérios condenando, em termos muito enérgicos, as perseguições de que os judeus estavam a ser vítimas. Esta perseguição era apontada como contrária aos preceitos do Evangelho. Os autores da carta pediam aos destinatários que passassem a inspirar-se nos princípios eternos do direito, da verdade e da piedade.

Não foi menos firme a atitude da igreja católica. Em várias pastorais, os fiéis foram postos de sobreaviso quanto ao verdadeiro carácter da doutrinação nazí. Uma dessas pastorais, lida em todos os templos católicos em 26 de Janeiro de 1941, anunciava que a absolvição e os sacramentos seriam de futuro recusados a todos os membros do partido «N. S. B.» que os pedissem, qualquer que fossem as condições. A partir dessa data, a autoridade católica recusou-se sistematicamente a presidir a todos os actos, e especialmente a casamentos e funerais para os quais a sua presença era requerida.

De começo os partidários do «N. S. B.» recorriam aos sacerdotes alemães, mas por fim a autoridade eclesiástica do Reich recusou, por sua vez, esta assistência. Os jornais começaram a encher-se com as notícias de casamentos a que acrescentavam a seguinte indicação: «assistência religiosa recusada». O conhecimento destas medidas, de uma energia sem precedentes, cedo criou uma solidariedade activa entre a igreja e o movimento de resistência nacional.

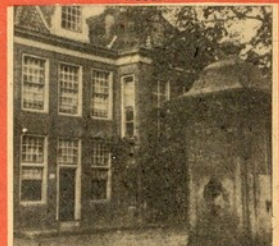
(Continua)



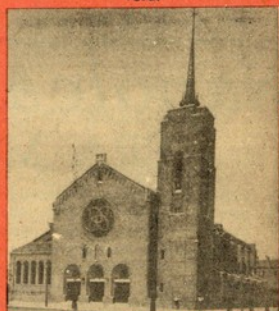
Amsterdão, tão trágicamente atingido pela guerra, não era só uma cidade importante pela história e pelo papel que representava no comércio, pois possuía importantes edifícios como este Estádio, planeado e executado pelo architecto Jon Wils.



Este submarino da marinha holandesa — o H.N.M.O.-19 — tomou parte na guerra submarina contra o Japão. Num só dia de Janeiro de 1942, destruiu 9.200 toneladas da marinha mercante japonesa.



Velhas casas da Holanda. Não é verdade que a sua arquitectura se aproxima, em alguns casos, da casa portuguesa, hierática e severa?

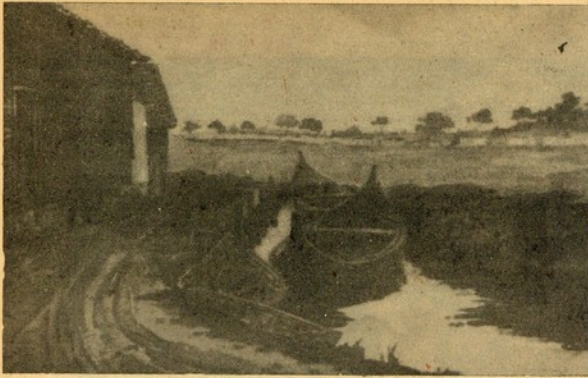


No entanto, na Holanda nem tudo é passado. Aqui está uma igreja moderna de Haia que, embora ainda se filie no velho estilo holandês, é um notável esforço de libertação e de renovação de arte.



Dois velhos tipos de camponeses da Holanda, cujas toucas lembram as asas brancas dos moínhos a agitarem-se no paisagem não-ravilhosa de serenidade e união religiosa.





«Barcos em descanso», de Joe

No Salão de Inverno houve este ano muito que vêr

SEM dúvida, quem percorrer a X Exposição de aguarela, desenho, pastel, gravura, miniatura e caricatura pode dizer que há ali muita coisa francamente pobre. Mas não deve deixar de se dizer que, ao lado de os consagrados — e ainda bem que eles surgiram, a amparar os novos, nesta competição de forças para largos vãos futuros — não apareceram alguns nomes que, pouco a pouco, hão-de destacar-se das fileiras cerradas e subir mais alto. Esta exposição — cremos que já está dito — é, por assim dizer, a preparação para o Salão de Primavera, a grande exposição anual da S. N. B. A.

Houve benevolência? Houve muito amadorismo amparado, muita coisa banal classificada? Sem dúvida. Mas isto é o ensaio geral dos novos e os novos têm direito a todas as ousadas crenças no seu destino. E, se amanhã o júri destes Salões anuais puder dizer: desta geração tão largamente representada, meia dúzia honra a tradição da arte portuguesa e o nome dos mestres de hoje — muito teremos todos que alegrar-nos.

E dos mestres que lá estão hoje há muita coisa magnífica. Citaremos, primeiro, duas aguarelas cheias de movimento e cor — uma cor e um movimento que nascem, às vezes, de uma só mancha — e que trazem o nome de Alfredo Moraes: «Vista Pascal» e «Fugindo ao temporal»; os dois estudos originais de Joaquim Lopes; «Izilda», de Maria Adelaide Lima Cruz — do melhor desta exposição, como é do melhor o «Estudo de nu», de António Antunes, discípulo de Mário Augusto. A assinalar a passagem deste mestre pela arte há, de resto, outros discípulos aqui representados com êxito. E um deles, precisamente, é Joe, que nos dá uma excelente aguarela no quadro n.º 44 — «Barcos em descanso».

Também Maltieira é dos primeiros — e êle andou arredado longo tempo de Lisboa. Mas as suas aguarelas, desta vez, que talvez tenham ganhado em desenho, perderam em subtilidade. São pesadas e sombrias, estáticas e frias como uma fotografia de estúdio — e o mesmo poderíamos dizer das aguarelas solenes de mestre Alberto de Sousa, no «Órgão dourado» e no «Interior da Sé de Faro».

Queremos agora abrir a enumeração dos novos com um nome: Lucília Rosa Brito, discípula de Carteira

e que apresenta um desenho de composição que é uma formosa elegia — «Nos velhos bairros».

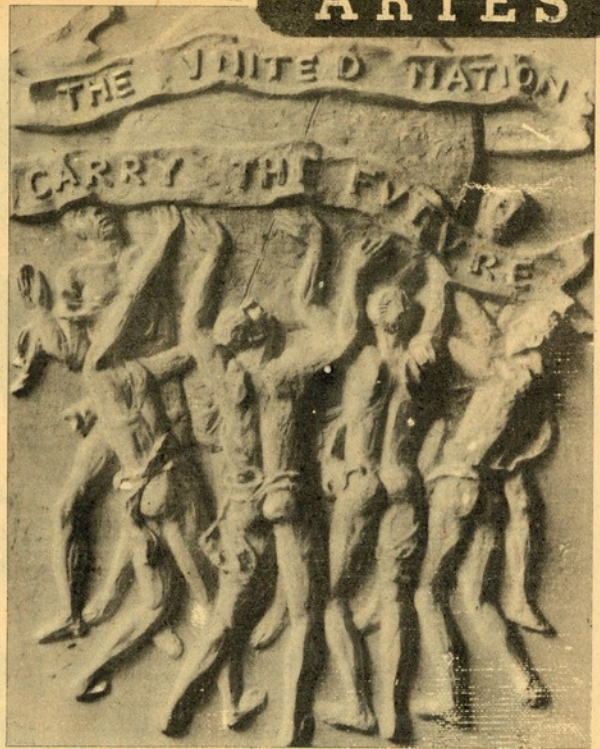
E como a hora parece que vai propícia para as senhoras — parabéns a Maria de Lourdes Melo e Castro, pelos dois lindos retratos! — citaremos Signa Rebelo, com um primoroso trabalho «Um canto de trabalho». Também Maria José de Melo soube dar «personalidade» e garri-dice às suas flores — o que não pode dizer-se de Alfredo de Azevedo e de Raúl Carapinha, cujas flores têm reminiscências de outras flores — as de Eduarda Lapa que aqui brilha com o pastel «Lena».

Ainda uma referência à jovem Rosa Maria Sobral Cid — a mais jovem das nossas artistas, certamente.

Seguindo, agora, os apontamentos do catálogo, tomados pela ordem que êle apresenta e nos impressionaram para bem ou para mal — temos Fausto Beleza, desenho seguro mas tintas empastadas; «Panorama do Penedo», de Berta Borges; as três aguarelas de José Contente — primeiro «Baixamar» — Maria Flores, de tintas muito frias para o Alentejo quente; João Marques, horrivelmente representado com o «Solar de Oliveira de Azeitéis» e sem redenção nos restantes trabalhos; Narciso de Moraes, com três gratos apontamentos rústicos; Emérico Nunes, com uma pitoresca evocação de Paris-1918; Rocha Vieira, estático e frio; Eduardo Santos, com uma deliciosa mancha de S. João da Praça; João Tavares e António Vitorino marcam assinalável posição, o primeiro, principalmente, com a «Travessa do Moraes», o segundo com «Uma rua de Obidos». No desenho, Fortunato Anjos que tão bem se apresentou no Salão de Primavera, passa despercebido; Cruz Louro, Hermanno Baptista, Adolfo e Faria de Castro, marcam posição. Mas não podemos elogiar os apontamentos de Pedro Guedes, como não nos agradaram os guachos de Maqueda. Que dizer, porém, dos guachos de Parma Cardoso? Sem dúvida, mesmo quando não quere, este artista faz caricatura. A verdade, porém, é que no «Beira-Rio», só por si, a figura central, cheia de movimento e graciosidade impõe o estilo do artista.

E, para fim, três referências: uma a Murtelra, que trouxe um belo

(Continua na pág. 16)



“LIBERTAÇÃO”

Uma escultura de Suzanne Nicholas

Suzanne Nicholas é belga, nasceu na Hoïanda e encontra-se, desde 1939, nos Estados Unidos. O seu temperamento de escultora, o seu culto da pátria levaram-na a compor uma nova idéia que acaba de verter para o bronze e a que pôs o nome de «Libertação». A senhora Suzanne Nicholas é casada com Joep Nicholas, um dos primeiros artistas do mundo, em vitrais coloridos.

«Libertação» destina-se à Casa da Liberdade, em Nova-York, e representa um grupo de figuras vigorosas, suportando o mundo. Na bandeira que as envolve, está a inscrição: «As Nações Unidas conduzem o mundo».

Valença, Monterroso e Alfredo de Moraes vão repetir em Lisboa a exposição do Porto

FRANCISCO Valença, o dr. Monterroso e Alfredo de Moraes uniram-se numa idéia e apresentaram-se juntos no Salão Silva Pôrto, da capital do Norte. O que isto representa, pelo espírito de camaradagem, pelo mérito dos três artistas expositores, não precisa de ser encarecido. Valença, Monterroso e Moraes são três artistas de grande categoria que, pelo lápis, pela aguarela, muito lustro trouxeram às artes plásticas. Na idade em que podiam sentar-se à sombra dos louros, criados pelo seu muito talento, êles trouxeram aos novos o exemplo do seu trabalho, o fogo da sua arte, a juventude perene do seu espírito.

E o público correspondeu à sua iniciativa, acorendo entusiasmado a levar-lhe o seu aplauso. O êxito da exposição marcou como grande acontecimento de arte. E êsse êxito vai, com certeza, repetir-se em Lisboa, pois nas Belas Artes os três artistas irão expor em breve as suas 321 caricaturas e aguarelas, umas inéditas, outras já conhecidas. De 17 até 25

do corrente, o Salão de Belas Artes vai animar-se de uma nova graça e de um alto interesse artístico e mundano.

PINTURA



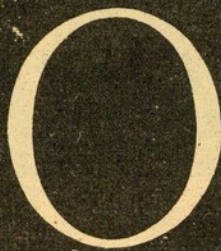
— Sim, a paisagem não está mal... Mas acho-a muito pequena. Não será possível pôr em tamanho natural?



«Nus», de António Antunes



«Nos velhos Bairros», de Lucília Rosa Brito



VINHO DO PORTO

tem o
sêlo de garantia

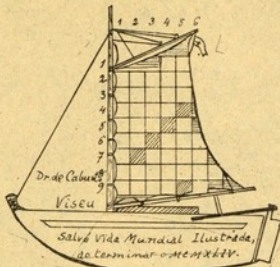


DO INSTITUTO DO VINHO DO PÔRTO

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 60

Por José Rodrigues Correia — (Viseu)



ENUNCIADO

HORIZONTAIS: 1—A primeira das três virtudes teologais. 2—Farol grande que se acende à entrada dos portos, ao longo das costas e no cimo das torres. 3—Armadilha. 4—Sensaborona (fig.). 5—Íntimo. 6—Alt.; altar. 7—Vencimentos de soldado. 8—Guarnecéis com arame. 9—Flor. **VERTICAIS:** 1—Doméstico. 2—Perfume; nome de letra grega. 3—Seguinte ao oitavo; utensílio de cozinha (pl.). 4—Tom de voz; recurso (fig.). 5—Pronome pessoal; espaço. 6—Uma das cinco partes do mundo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 59

HORIZONTAIS: 4—Coimbra. 3—Capri; erl. 2—Sádia; sumir. 1—Meles; penedos. 16—Moral; rememorar. 17—Idade; siga. 18—Sor; Zan. 19—Al; Sá; rã; zc. 20—Gil; oca. 21—Egas; capar. 22—Macacaria; llesa. 23—Sarcaria; esmar. 24—Ralou; pisar. 25—Rim; durar. 26—Salomão. **VERTICAIS:** 1—Miragem. 2—Mod; ligas. 3—Serás; lagar. 4—Calados; sacar. 5—Caldeiras; callis. 6—Opis; aroma. 7—Ira; riu. 8—MI; pé; ia; dó. 9—Sem; pum. 10—Retine; eira. 11—Armém; procição. 12—Lidos; acalmar. 13—Roriz; apaar. 14—Sagaz; asr. 15—Rançara.

1.º CONCURSO DE PALAVRAS CRUZADAS

Para este Concurso já enviaram problemas os seguintes confrades cruzadistas:

- 1—Lino António Roberto de Magalhães Quintela, da Federação Nacional dos Produtores de Trigo (Lisboa).
- 2—Mário António Pigarra, da Federação Nacional dos Produtores de Trigo (Lisboa).
- 3—António Araújo (Pórtó).
- 4—António Miguel (Lisboa).
- 5—João Manuel Marques Carvalho (Nelas).
- 6—António Logrado Figueiredo (Pórtó).
- 7—Nicolau F. Telo de Morais (Viseu).
- 8—José Rodrigues Correia (Viseu).
- 9—Flípe Alistão Reis Teles Montz Côte Real (Angola).
- 10—Vitorino de Sousa Valverde (Nazaré).
- 11—Fernando de Aragão (Lisboa).
- 12—Francisco da Conceição Santos (Nazaré).

NOTA—O Concurso iniciará-se em Janeiro de 1945. A lista dos prémios publicará-se uma semana antes de ser inserto o primeiro problema.

DAMAS

(Secção espanhola)

Orientador: Dr. Carlos R. Lafora

(Espanha)

1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMISTAS DE «DAMAS»

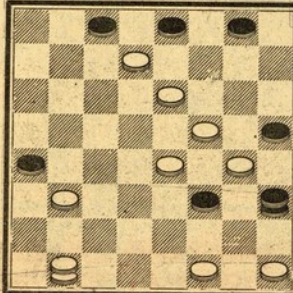
Composição n.º 28 (Problema)

Lema: «F.A. S. III»

«La Provincia», 28/12/1944

Las Palmas—Espanha

Pretas: 1 «dama» e 6 «pedras».



Branças: 1 «dama» e 8 «pedras». Mate em 8 jogadas.

CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMISTAS DE «DAMAS»

Solução da composição n.º 3

Lema: «Modéstia»

7-11	23-28	30-23-16-3-10-1	4-11
16-7	32-14	14-7	17-13
1-14	e ganha, não sendo porém mate		

P.

como diz o seu autor, já que depois de 13-10, 14-1; 18-13 se faz uma jogada em que as brancas não tomam. Além disso, com 13-10 as brancas poderiam jogar 14-5 e não só não ganhariam como perderiam. O mate tem que ser todo forçado para as brancas, joguem as pretas como quiser.

A chave desta composição é rígida, fora deste Concurso.

NOVAS IDEIAS SOBRE O PROBLEMA DE «DAMAS»

Pelo Dr. Carlos Rodrigues Lafora

CONDIÇÕES QUE DEVE REUNIR UM PROBLEMA

Um problema deve reunir as seguintes condições: 1.º—Originalidade. 2.º—Variedade. 3.º—Correcção. 4.º—Economia e Pureza. 5.º—Dificuldade. 6.º—Equilíbrio. 7.º—Beleza. 1.º—ORIGINALIDADE—O problema não deve ser um plágio de outro, nem na sua forma nem no seu fundo. Sem embargo, podem-se copiar as idéias temáticas e ainda os temas, sempre que se lhes dê uma forma ou combinação nova de elementos.

(Continua)

(Secção portuguesa)

JOGO N.º 7 (Estrangeiro)

Jogo disputado no Torneio Eliminatorio do Clube de Las Palmas

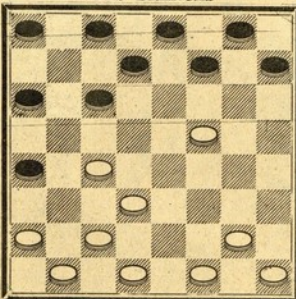
Branças: Mamerto Rodriguez

Pretas: Manuel Estupíñan

Abertura 2-2=Paralela

Branças	Lances	Pretas
12-15	1.º	23-20
10-14 (a)	2.º	20-16
14-18 (b)	3.º	22-13
9-18	4.º	21-14
11-18	5.º	28-23
6-11 (c)	6.º

POSIÇÃO DO JOGO AO 6.º LANCE DAS BRANÇAS



.....	6.º	23-20
5-9 (d)	7.º	32-28
8-5	8.º	25-23
5-10	9.º	23-19 (e)
15-22	10.º	26-19
18-22	11.º	27-18
11-14	12.º	18-11
7-23 (f)	13.º	30-26
25-28	14.º	26-22
10-14	15.º	25-21
16-18	16.º	21-14
8-12	17.º	16-7
4-27	18.º	31-22
28-31 (Dama)	19.º

Aqui já as pretas podem abandonar sem escrupulos de consciência, pois só a morte repentina do seu adversário podia salvá-lo da derrota. As pretas abandonaram 8 jogadas depois. Muito desportivo.

(a) É melhor 10-13 com a intenção de atacar a meta (casa 18); porém, aqui o ataque é possível porque as pretas não jogam 21-18.

(b) É este o célebre ataque à meta e é sempre bom, pois o pósto avançado que se ocupa exerce pressão durante toda a partida sobre o jogo das pretas. Sem embargo deve estudar-se, sempre que se possa, se a «pedra» da casa 18 é sustentável, pois se o não for é um perigo. Devemos examinar sempre que se tome a meta no ataque (casa 18); na defesa (a casa 15) se temos mais

«pedras» para defender esta importante peça ou se temos poucas. No primeiro caso será sempre boa jogada, no segundo será pelo menos muito comprometido. A importância das casas 14, 15, 18 e 19 (centro do tabuleiro) é um estudo que um dia explicaremos.

(c) Forma o que os espanhóis na sua teoria de formações chamam o *gladiador*. «Pedras» 3, 4, 7, 11 e 15 de bastante importância.

(d) Jogada exacta na meta.

(e) Corre para a sua perdição.

(f) As vantagens estratégicas são suficientes para ganhar. Agora tudo é questão de tática.

SOLUÇÕES DOS ÚLTIMOS PROBLEMAS DO CONCURSO PORTUGUÊS

Do n.º 60

2-5	16-23-30	30-17-3-16	16-7
9-2-20	14-21	25-21	21-17
7-3	3-6	6-3	3-17
24-20	20-16	17-13	16-12
12-7	e ganham.		

P.

Do n.º 61

21-25 (ou 4-8)	3-6	4-8 (ou 21-25)
28-19	10-3	1-10
9-13	18-21	25-7
2-15-22-28	e g.	

10-17

17-26

3-12

P.

Do n.º 62

2-5	23-27	4-16	16-30
9-2	30-7	2-26	P.

e ganham.

Do n.º 63

3-7	6-10	13-17	9-27
12-3	8-22	3-13	P.

ganham.

Do n.º 64

11-15	14-19	3-7	9-2
20-11	22-15	11-4	4-21

2-20-30-17-10-32

P.

e ganha-se pelo conhecido final de

passé de pédo.

NOTA—No próximo número daremos as soluções dos últimos finais de

jogo do Concurso Português.

CAMPEONATO DE JOGO DE «DAMAS» POR CORRESPONDÊNCIA, DE 1945

Para este Campeonato inscreveram-se, até hoje, os seguintes «damistas»:

- 1—Manuel Arreaga Padeiro (Chamusca).
- 2—Francisco A. Henriques (Almeirim).
- 3—Francisco Nunes de Sousa (Pernes).
- 4—Joaquim Rosa Noro (Pernes).
- 5—Jorge Galamba Marques (Castanheira de Pera).
- 6—António da Costa Santos (Santarém—Romelra).
- 7—Manuel Lopes dos Santos (Torres Novas).
- 8—António Eduardo Igrejas (Melgaço).
- 9—Manuel Félix Igrejas (Melgaço).
- 10—Delífm Faria Dintz (Famalição).
- 11—Carlos Pereira (Lisboa).
- 12—José Dias Cerejeira (Lisboa).
- 13—Luís de Oliveira (Lisboa).
- 14—Manuel Pinto da Silva (Pórtó).
- 15—Raúl Duarte Girão (Pernes).

NOTA—Este Campeonato terá início na primeira semana de Fevereiro de 1945. Uma ou duas semanas antes será publicado o Regulamento e a Lista dos prémios.

ATENÇÃO

Informa-nos o nosso amigo e confrade Francisco A. Henriques, de Almeirim, que só no fim do mês corrente lhe é possível enviar o Relatório do Concurso Português de Problemas e Finais de Jogo de «Damas» e, por esse motivo, o mesmo só poderá ser publicado na primeira ou segunda semana de Janeiro de 1945. De seguida proceder-se-á à distribuição dos prémios aos vencedores.

CONFERENCIA

Alberto Duarte Silva (Algarve)—Recebi os seus problemas, que vão ser analisados. No próximo ano é um Campeonato de «Damas» que se levará a efeito.

Manuel Arreaga Padeiro (Chamusca)—As colunas de «Passatempo» estão ao seu dispor.

António Logrado Figueiredo (Pórtó)—Espero que não remeta mais alguns problemas. Disponha sempre deste seu confrade e amigo.

António Araújo (Pórtó)—O mesmo que para Logrado Figueiredo.

CONFERENCIA

Alberto Duarte Silva (Algarve)—Recebi os seus problemas, que vão ser analisados. No próximo ano é um Campeonato de «Damas» que se levará a efeito.

Manuel Arreaga Padeiro (Chamusca)—As colunas de «Passatempo» estão ao seu dispor.

António Logrado Figueiredo (Pórtó)—Espero que não remeta mais alguns problemas. Disponha sempre deste seu confrade e amigo.

António Araújo (Pórtó)—O mesmo que para Logrado Figueiredo.

CONFERENCIA

Alberto Duarte Silva (Algarve)—Recebi os seus problemas, que vão ser analisados. No próximo ano é um Campeonato de «Damas» que se levará a efeito.

Manuel Arreaga Padeiro (Chamusca)—As colunas de «Passatempo» estão ao seu dispor.

António Logrado Figueiredo (Pórtó)—Espero que não remeta mais alguns problemas. Disponha sempre deste seu confrade e amigo.

António Araújo (Pórtó)—O mesmo que para Logrado Figueiredo.

PRODUTOS DE BELEZA

Rainha da Hungria

O ENCANTO NATURAL DA MULHER QUE QUER CONSERVAR A SUA BELEZA

PÓ D'ARROZ "MONTEGIL"

UMA QUALIDADE SUPERIOR. ALIADA ÀS MAIS MODERNAS E LINDAS CÔRES

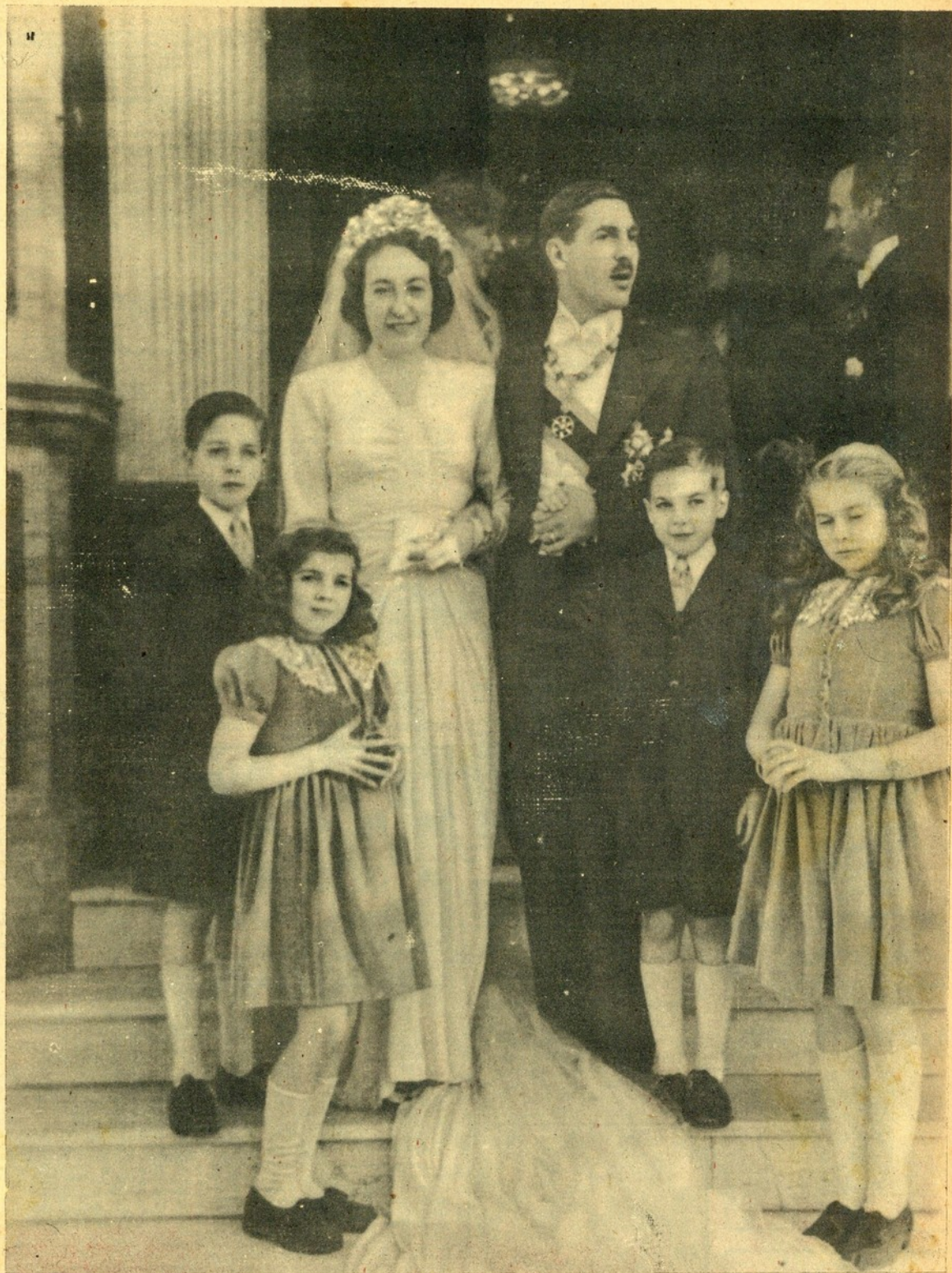
À VENDA NOS BOIS ESTABELECIMENTOS

AGUARDENTE VELHA Niepoort

DIRETIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês Es da Bandeira, 100, 3.º — LISBOA

27.1/1/45



Pode dizer-se que houve um grande acontecimento mundial fora da guerra: o casamento dos príncipes D. Pedro de Alcântara de Orléans e D. Maria Esperança de Bourbon, que vemos na foto, à saída da catedral de Sevilha, rodeados dos seus «pogens».

VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CÂNDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIÉD. DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: RUA DA EMENDA, 69, 2.º - LISBOA — TEL. P.B.X. 2 5844

Composição e impressão: Oficinas Bertrand (Irmãos), L.ª — Trav. Condessa do Rio, 27

